



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

Luiz Filipe Moraes Ferreira Montandon

**A participação da mídia no ideário da extrema direita brasileira:
uma análise do conteúdo discursivo do programa “Os Pingos nos Is”**

Brasília
2023

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

Luiz Filipe Moraes Ferreira Montandon

Monografia final - Graduação em Sociologia

Monografia final apresentada à Universidade de Brasília,
como parte das exigências do Programa de Graduação
em Sociologia para obtenção do título de Bacharel em
Sociologia.

Orientadora: Prof. Dr. Débora Messenberg

Brasília

2023

*Dedico este trabalho à minha
amada avó Marilena, símbolo
eterno de amor e conhecimento.*

AGRADECIMENTOS

Acredito que o período da graduação é sempre transformador. Independente da jornada, todos nós passamos por altos e baixos. Momentos de alegria e diversão, tristeza e angústia, e, é claro, de estudo e aprendizado. Não somente o aprendizado referente às matérias e nossas respectivas áreas de estudo, mas também aquele que tiramos de nossas convivências com demais alunos e professores, das horas passadas dentro do campus, que formam nosso caráter e com certeza guardarei em um lugar repleto de saudades e nostalgia. Dito isso, gostaria de agradecer, primeiramente, à Universidade de Brasília, instituição referência do ensino brasileiro, gratuito e de altíssima qualidade na qual passei estes últimos anos que sempre se farão presentes em minha vida.

Gostaria de agradecer aos meus pais e à minha avó, Isabel, Múcio e Maria do Carmo; vocês serão eternamente meu exemplo e minha inspiração; o mínimo que eu conseguir me aproximar de seus feitos e ensinamentos será suficiente para ser eternamente feliz. Ainda, agradeço aos meus padrinhos Sílvia e Álvaro, obrigado por sempre se fazerem presentes durante toda a minha jornada. Também, agradeço aos meus irmãos e companheiros de vida, Rodrigo, Lucas, Cláudia e Isabelle, os quais sempre me acolheram e me mostraram que juntos vamos mais longe. Agradeço à minha mentora e orientadora Débora Messenberg Guimarães, que desde a primeira disciplina me mostrou quanto o campo da Sociologia Política é apaixonante e árduo ao mesmo tempo, sem suas valiosas lições e sua infinita paciência, não estaria aqui hoje. À minha melhor amiga e parceira, Iandra Aguiar Rodrigues, que durante todo este processo esteve ao meu lado para me motivar e segurar a minha mão; obrigado por todo amor do mundo e por me incentivar até mesmo nos momentos mais vulneráveis. Por fim, agradeço a todos meus amigos que me acompanham até hoje, de todas as fases que já passei, mas em especial, André, Bruno, Deborah, Guilherme, João, Leonardo, Arthur e o mais novo membro dessa pequena grande família, Akira. Que seu nascimento seja o símbolo de bons e novos ventos, para que possamos fazer nosso melhor e te entregar um mundo ainda mais gostoso de se viver.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Procedimentos metodológicos.....	7
A ascensão da extrema direita.....	9
Compreendendo a extrema direita.....	9
Donald Trump e os Estados Unidos.....	19
Jair Messias Bolsonaro e o Brasil.....	22
A relação entre mídia e política.....	25
O papel da mídia.....	25
A ideologia fascista e sua comunicação: um adendo.....	31
Fox News e Jovem Pan.....	39
Visões convergentes.....	39
O programa “Os Pingos nos Is”.....	42
É hora de colocar os pingos nos is.....	44
Considerações finais.....	58
Referências Bibliográficas.....	61

Introdução

Após a crise financeira de 2008, a direita extremista vem se alastrando com veemência pelos quatro cantos do mundo. Esse é um fenômeno complexo e multifacetado e, por mais que o movimento não seja idêntico em cada lugar em que está presente, existe certa similaridade de idéias e práticas em reprodução. A presença da ideologia fascista no ideário dos movimentos de extrema direita já foi evidenciada por diversos autores, como Cas Mudde, Leticia Cesarino e Theodor Adorno. Esta é uma peça-chave para a compreensão da atual direita extremista, a qual pauta seus valores em vieses tradicionais e conservadores assim como é regada de uma retórica *antiestablishment*. Concomitante a isto, o constante avanço tecnológico trouxe a humanidade uma nova forma de convivência, plataformizada, na qual qualquer um pode se tornar um criador de conteúdo. A internet e as novas mídias revolucionaram não só a vida humana mas também a forma de se fazer política. De maneira instantânea, a propagação de informação tornou-se muito mais numerosa e muito mais abrangente, podendo-se consumir quase qualquer coisa de qualquer lugar do planeta.

Trazendo essa perspectiva para a política, líderes e agentes políticos agora possuem um contato muito mais fácil, simples, com seu público-alvo. Em entrevista a CartaCapital, a antropóloga mineira Leticia Cesarino foi questionada sobre a nova realidade política mediada pelo digital e afirmou que:

“Essa nova infraestrutura tecnológica teria a ver com isso, porque ela é uma infraestrutura que não foi pensada para a política. Ela foi pensada segundo outros princípios de publicidade e marketing. É o modelo de negócio das plataformas digitais. Mas na medida em que a política começa a passar por ali, em especial a política eleitoral, você começa a ter o realce de certas dimensões da política que a teoria política associa ao populismo.” (ORELI, 2022)

Chegando ao Brasil, essa nova funcionalidade da política e da mídia foi a força motriz de um movimento não previsto. A emissora paulista Jovem Pan, por meio de seu programa de comentários políticos “Os Pingos nos Is” , se destacou por seu pioneirismo ao se adaptar rapidamente ao novo funcionamento da política como marketing.

A presente monografia tem por objetivo realizar análise do conteúdo discursivo do programa "Os Pingos nos Is", da emissora Jovem Pan, a fim de compreender a construção de sentido presente nas narrativas veiculadas pelo programa e a sua influência enquanto um dos principais veículos de mídia declaradamente de direita .

No atual cenário midiático, os programas de rádio, podcast e *Youtube* desempenham um papel significativo na formação de opiniões e na disseminação de discursos. Um dos programas de destaque nesse contexto é "Os Pingos nos Is", transmitido pela rádio Jovem Pan. Por meio de discussões acaloradas sobre política, economia e atualidades, o programa atrai um público amplo e é um importante espaço de debate. Sendo um dos principais veículos da mídia bolsonarista, crê-se que a análise de conteúdo dos discursos proferidos no programa "Os Pingos nos Is", durante o período de campanha eleitoral de 2022, pode nos auxiliar a compreender de que maneira parte da mídia nacional foi e é utilizada como instrumento de legitimação e disseminação de ideias alinhadas à extrema direita. O estudo revela as estratégias discursivas empregadas pelo programa, bem como sua influência na formação da opinião pública e na polarização política do país. É fundamental refletir sobre o papel dos veículos de comunicação na atualidade, considerando sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais plural e democrática. A análise aqui apresentada pode contribuir para ampliar o conhecimento sobre a mídia bolsonarista e seus efeitos na sociedade brasileira.

Procedimentos metodológicos

Para a produção do presente trabalho foram adotados alguns procedimentos metodológicos com o objetivo de abarcar as diferentes partes da pesquisa. Primeiramente, foi feito um levantamento dos principais episódios do programa *Os Pingos nos Is* na plataforma *Youtube*, durante o período da campanha eleitoral de 2022. Entre os dias 16 de agosto a 29 de outubro de 2022 foram selecionados 12 (doze) episódios do Programa, levando em conta o maior número de visualizações. Com base na funcionalidade do *Youtube* e considerando que o programa vai ao ar simultaneamente na rádio e na

plataforma web, as visualizações são contadas a partir do momento em que a *live* começa e, a partir deste momento, o contador não pára, o que significa que as visualizações não refletem necessariamente a popularidade do programa específico na data em que foi lançado, mas sim do momento que foi ao ar até que, por algum motivo, o vídeo deixe de existir.

Tendo isto em mente, os programas selecionados, de acordo com suas datas de lançamento, foram aqueles apresentados nos dias: 15, 23 e 30 de agosto; 07, 16, 20 e 30 de setembro; 03, 13, 20, 24 e 31 de outubro. Cada programa estende-se durante cerca de duas horas de duração, contando com pausas comerciais e demais pormenores. No total, foram analisadas um pouco mais de 24 horas; vale frisar que todos os programas estão disponíveis ao público, até o momento.

A análise de conteúdo das emissões discursivas selecionadas foi amparada na perspectiva metodológica do linguista francês Dominique Maingueneau (1993). Ou seja, o discurso vai muito além da linguística, da linguagem escrita e falada, ele se relaciona diretamente com as práticas sociais e é composto por diversos contextos: sociais, políticos, históricos e culturais. Muito mais que um mero ponto de vista, o discurso é constituído por uma constante troca entre sujeitos, sentidos e os meios que se encontram; o contexto aparece como uma das peças mais importantes da constituição do discurso, e é justamente na sua relação com a linguística que Maingueneau firma sua concepção da análise do discurso.

Também, Rosalind Gill (2008) tece importantes considerações sobre a análise de discurso, ao propor que os pesquisadores além de investigarem as estruturas e as práticas discursivas que estão em jogo, examinem as representações e os significados produzidos, identifiquem as relações de poder envolvidas e considerem os efeitos desses discursos nas vidas das pessoas. Assim como Maingueneau (1993) acredita, Gill afirma que é necessária uma preocupação com o discurso em si mesmo, visto que este é tanto criador quanto construído, o que implica que nenhuma forma de linguagem é neutra. Devemos compreender o discurso não em sua forma naturalmente linguística, mas sim pelos processos sociais que se encontra vinculado. Dessa forma, diferentes grupos possuem diferentes organizações retóricas sobre um mesmo

contexto, alterando seus discursos para que possam se ajustar a seus interesses próprios.

Ainda, Laurence Bardin completa a análise do conteúdo discursivo aqui proposta, através da “escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (BARDIN, 2000, p. 125). Primeiro, foram coletados os dados do recorte escolhido, os quais foram submetidos a um processo de organização para separar apenas o que fosse relevante para o problema da pesquisa. Assim, os conteúdos discursivos foram codificados em ideias-força, as quais por sua vez categorizam e são categorizadas por seus respectivos contextos, os campos semânticos.

Por fim, considerando que não há discurso neutro ou sem contexto, propõe-se aqui, à luz de Maingueneau, Gill e Bardin investigar as relações entre linguagem, discurso e sociedade, presentes nas emissões discursivas dos apresentadores do programa político “Os Pingos nos Is” da Jovem Pan, durante a campanha presidencial de 2022, a partir do levantamento das ideias-força, que conformam campos semânticos, os quais foram intensamente mobilizados ao longo das campanhas eleitorais e do governo de Jair Bolsonaro.

A ascensão da extrema direita

Compreendendo a extrema direita

A compreensão da extrema direita nos dias de hoje é de suma importância para enxergarmos o funcionamento da sua mídia apoiadora, em 2022, no Brasil. Tanto os regimes fascistas do século XX quanto a sua ideologia deixaram marcas, sequelas que podem ser encontradas em diversas sociedades ao redor do globo; antes de chegar à fase da extrema direita que conhecemos hoje.

Apesar de muito diferentes do extremismo fascista da década de 40, diversos movimentos de extrema direita ascenderam ao poder democrático no mundo todo, principalmente após a crise financeira de 2008. A vitória na corrida eleitoral italiana de 2022 pelo partido *Fratelli d'Italia*, representado por Giorgia

Meloni, trouxe consigo propostas voltadas ao euroceticismo (rejeição à União Europeia), políticas anti-imigração e valores morais conservadores e atrelados ao cristianismo, como a redução dos direitos da população negra e/ou LGBTQIAP+, além de claros posicionamentos contra o aborto legal e seguro. Não obstante, a saída do Reino Unido da União Europeia em 2020 (Brexit) foi motivada pela xenofobia oriunda do constante aumento da imigração; o que está diretamente ligado com o desejo de manter o Reino Unido um país soberano, capaz de ter pleno controle de seus tratados econômicos, leis, e fronteiras, no intuito de preservar a identidade britânica e a imagem de um reino unido e poderoso.

Wendy Brown (2019) aponta que tal ascensão se firma em variáveis como o neoliberalismo, o favorecimento do capital, a repressão do trabalho e a demonização do Estado social e do político. Para formar o ideário extremista de direita, estes se conjugam, curiosamente, com seus aparentes opostos: o nacionalismo, a imposição da moralidade tradicional, o antielitismo populista e as demandas por soluções estatais para problemas econômicos e sociais. Criam-se então situações as quais a antidemocracia se fantasia de democracia; a liberdade, elemento fundamental para qualquer democracia, se tornou um artifício para taxar o estado de totalitário ao mesmo tempo que demanda por um poder autoritário. Essa mistura aparentemente contraditória foi a fórmula perfeita para a eleição de certos extremistas de direita, como Jair Messias Bolsonaro no Brasil e Donald Trump nos Estados Unidos.

Destarte, todo movimento político precisa de um público alvo para direcionar seus discursos e propostas, e foi no grupo que Brown (2019) chamou de despossuídos que a extrema direita encontrou sua platéia. Como “estranhos em sua própria terra” (HOCHSCHILD, 2016), os despossuídos compõem a parcela da população que foi deixada de lado pelas políticas econômicas neoliberais progressistas do início do século XXI. Geralmente cristãos brancos ruralistas ou suburbanos, os despossuídos foram tomados pelo ressentimento de ficarem alheios ao progresso das agendas políticas liberais/neoliberais cosmopolitas, o que fomentava seus preconceitos contra políticas de “equidade e inclusão”, que pareciam mais beneficiar a todos menos a eles.

Portanto, a extrema direita pode ser vista como um produto da própria democracia (ou da forma que esta foi conduzida nas últimas décadas) e do neoliberalismo, o que eventualmente levou a uma “desdemocratização”. Finalmente, para compreender como a extrema direita captou a atenção da classe média branca e se firmou nas democracias ao redor do globo, é necessário buscar as ideologias que embasam seus posicionamentos e as conjecturas que tornaram ainda mais possível sua ascensão.

De acordo com Cas Mudde (2019), desde o fim dos regimes fascistas europeus pós Segunda Guerra Mundial, a extrema direita passou por três ondas em diferentes períodos históricos até chegar na atualidade, sendo elas o *Neo-Fascismo* (1945-1955), o *Populismo de Direita* (1955-1980) e a *Direita Radical* (1980-2000). Nos encontramos hoje no que o autor batizou de *A Quarta Onda*, presente desde o final dos anos 2000 até o momento. Mudde afirma que o movimento da extrema direita se beneficiou de três momentos específicos que abalaram as estruturas econômicas e políticas de diversas nações ocidentais: os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a grande recessão de 2008 e a crise de refugiados de 2015. Todos os eventos mencionados acima causaram enorme alarde na população ocidental, causando medo que leva a insatisfação política e econômica, além da xenofobia atrelada ao “diferente”.

Diferente das outras ondas, a Quarta Onda se destaca por um fenômeno imprevisto: o *mainstream*. Até então, políticas de extrema direita eram consideradas quase inadmissíveis pelo antigo *mainstream* ou, em outras palavras, pelos antigos políticos guiados por ideologias “anti-fascistas” devido ao horror passado durante as décadas de 1930 e 1940. Atualmente, a propagação de concepções do ideário fascista tornou-se muito mais comum; devido não só ao número de partidos extremistas mas também o fato de que o movimento está tomando proporções globais de forma simultânea, a ponto de partidos de extrema direita terem crescido o suficiente para estarem entre os maiores de seus países.

Este é o caso de partidos políticos como o União Cívica Húngara (Fidesz), o Lei e Justiça (PiS) da Polônia, o Aurora Dourada (XA) da Grécia e o Partido Popular Nossa Eslováquia (L'SNS). Este fenômeno não se conteve somente ao continente europeu; “Atualmente, um líder de extrema direita eleito

democraticamente governa três dos cinco maiores países do mundo.” (MUDDE, 2019, p.22). Na época em que o autor escreveu tal afirmação, o Brasil era governado por Jair Messias Bolsonaro, os Estados Unidos da América por Donald Trump e a Índia pelo primeiro-ministro Narendra Modi.

O movimento da direita extremista (*far right*) no mundo é altamente heterogêneo, apesar de Mudde separá-lo em dois grupos principais: a direita radical e a extrema direita. A direita radical seria a direita extremista que majoritariamente permeou o cenário político mundial até o século XXI, enquanto a extrema direita é a que agora dita o *mainstream*. Mesmo separadas em diferentes grupos, ambas compartilham de múltiplas questões ideológicas. Em suma, as ideologias principais da direita radical são o nativismo, o autoritarismo e o populismo; já para a extrema direita, as ideologias fascistas e nazistas se destacam. Nas palavras de Cas Mudde:

“A extrema direita rejeita a essência da democracia, ou seja, a soberania popular e o governo da maioria. [...] A direita radical aceita a essência da democracia, mas se opõe aos elementos fundamentais da democracia liberal, principalmente os direitos das minorias, o estado de direito e a separação de poderes. [...] Enquanto a extrema direita é revolucionária, a direita radical é mais reformista. Em essência, a direita radical confia no poder do povo, a extrema direita não”. (MUDDE, 2019, p. 6, tradução própria)

O fascismo aparece como ideologia central para compreensão da extrema direita atual, na qual os *Übermenschen* (super homens), dotados da pureza racial e guiados pelo ideário fascista possuem o direito de dominar e exterminar os *Untermenschen* (subumanos). Esse é o caso do racismo imposto aos judeus (antisemitismo) durante o regime nazista na Alemanha; porém, por mais que o mundo inteiro tenha tomado pavor do racismo presente na Segunda Guerra Mundial, esse obteve repaginações múltiplas em países diferentes; como é o caso da direita radical francesa, autointitulada *nouvelle droite*. Essa prega o etnopluralismo, o qual pode ser entendido como o “novo racismo” (MUDDE, 2019), que postula a igualdade entre raças, mas desde que segregadas.

Outro conceito comumente visto em países com forte presença da extrema direita é o nativismo. Esse consiste numa combinação entre o nacionalismo e a xenofobia, o qual afirma que o país pode ser habitado

exclusivamente por membros nativos (da nação), enquanto aqueles não-nativos são vistos como perigosos, ameaças à homogeneidade da nação. O nativismo está diretamente relacionado com a imigração e a crise de refugiados, os quais são temas muito presentes entre governos e partidos da direita extremista. Eventualmente, o *nativismo* leva a uma *etnocracia*, que consiste numa democracia baseada na etnia, na qual o fechamento de fronteiras é visto como o meio para manter a pureza da nação.¹

Cas Mudde (2019) faz uso do termo autoritarismo como uma ideologia compartilhada entre a direita extremista, o autor afirma que o conceito se refere a crenças e práticas para a obtenção de uma sociedade estritamente ordenada, na qual o pagamento para qualquer desvio do “correto” é uma punição severa. A maioria dos problemas, incluindo a imigração e as relações sexuais “não convencionais”, devem ser tratadas através da punição e da conservação de valores morais e tradicionais na sociedade.

Por último, mas não menos importante, o autor elenca o populismo como ideologia central para a direita extremista. Considera-a uma *thin ideology* (ideologia rala), a qual separa a sociedade em dois grupos majoritários ao mesmo tempo que antagonistas, a população e a elite; a política deve ser uma extensão da vontade geral do povo, sendo este “povo” aqueles que apoiam cegamente o movimento. Em suma, é do entendimento do autor:

“Ideologias de extrema direita acreditam que as desigualdades são naturais e fora do alcance do estado. Elas celebram a diferença e a hierarquia, e sua principal característica é o elitismo, que sustenta que alguns grupos e indivíduos são superiores a outros e, portanto, deveriam ter mais poder.”
(MUDDE, 2019, p. 24, tradução própria)

Olhando para a economia, como aponta Nancy Fraser em *Neoliberalismo progressista versus populismo reacionário: a escolha de Hobson* (2019), o neoliberalismo é peça chave para compreensão da direita extremista atualmente. Ao analisar a eleição de Donald Trump em 2016, o *neoliberalismo progressista* foi um dos grandes fatores que possibilitaram a vitória do ex-presidente. Desde a era Clinton, em 1992, o neoliberalismo

¹ Derivam do fascismo e dessas ideologias o uso dos termos “eles” e “nós” para se referir a, respectivamente, imigrantes, minorias, políticos de esquerda e seus apoiadores (ou de maneira geral, qualquer um que não esteja de acordo com as ideologias da direita extremista) e, do outro lado, os verdadeiros herdeiros da glória da nação superior.

progressista tomou conta dos Estados Unidos, misturando princípios neoliberais, como a liberdade econômica e a competição no mercado, com pautas de inclusão social, como o feminismo e o apoio aos direitos LGBTQIAPN+.

Essa ideologia propagou-se durante o mandato de outros presidentes americanos, como Barack Obama, e terminou por enfraquecer os sindicatos trabalhistas, levando à diminuição de salários reais e ao aumento das jornadas de trabalho. Os problemas que são normalmente atrelados a políticas neoliberais são mascarados pela inclusão social, criando uma imagem de bem estar enquanto a situação real é outra. Como Fraser aponta, a substituição da igualdade pela meritocracia levou a promoção de certas minorias na hierarquia corporativa, mas acabou por aumentar a discriminação contra mulheres negras (ou de raças que não branca) e/ou imigrantes.

Essa mistura de “ideais de emancipação truncados com formas de financeirização leitais” (FRASER, 2019, p. 83) repetiu-se ao longo dos últimos anos e foi suficiente para que a população atingida de forma negativa passasse a assimilar o moralismo progressista como algo ruim. A falta da presença de uma “esquerda verdadeira” agravou ainda mais o problema, visto que por muito tempo não procuraram retratar os efeitos das políticas escolhidas, o que abriu brecha para que os ideais de Trump ganhassem força. Restou para a população a difícil escolha entre a perpetuação do *neoliberalismo progressista* ou o *populismo reacionário* “trumpista”.

Friso que a concepção de neoliberalismo aqui é entendida à luz dos ensinamentos de Pierre Dardot e Christian Laval (2016) e Wendy Brown (2019). O neoliberalismo vai muito além do que é comumente associado a ele, como a presença mínima do estado na economia, o estímulo a um mercado competitivo e predatório, a livre iniciativa e os cortes em políticas públicas, a privatização do serviço público e o incentivo ao investimento exterior. Brown afirma ao citar Michel Foucault: “[...] Foucault enfatizou a significância do neoliberalismo como uma nova racionalidade política, cujo alcance e implicações vão muito além da política econômica e do fortalecimento do capital”. (BROWN, 2019, p. 30)

Muito mais que uma ideologia política ou econômica, o neoliberalismo aparece como um dos principais fatores que nos colocam sob uma nova “razão

do mundo”. (DARDOT; LAVAL, 2016). Tal razão possui um funcionamento global, tanto por estar presente em diversos países ao redor do mundo, quanto por englobar não somente a esfera econômica, mas a política, social e cultural. Na racionalidade neoliberal, os princípios que antes eram econômicos se tornam pilares de um governo, no qual o Estado tem o dever de aplicá-lo tanto em si próprio quanto em outras entidades e instituições da sociedade. Como afirmam Dardot e Laval:

“Além dos fatores sociológicos e políticos, os próprios móveis subjetivos da mobilização são enfraquecidos pelo sistema neoliberal: a ação coletiva se tornou mais difícil, porque os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis. As formas de gestão na empresa, o desemprego e a precariedade, a dívida e a avaliação, são poderosas alavancas de concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação. A polarização entre os que desistem e os que são bem-sucedidos mina a solidariedade e a cidadania. Abstenção eleitoral, dessindicalização, racismo, tudo parece conduzir à destruição das condições do coletivo e, por consequência, ao enfraquecimento da capacidade de agir contra o neoliberalismo.” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 11)

O neoliberalismo inaugura então um novo período do capitalismo, apresentando-se como uma racionalidade que está alterando a “razão do mundo” na qual o mercado está hierarquicamente acima dos Estados e governos. Estes, por sua vez, devem não regular o mercado, mas ampará-lo, transformando a sociedade por inteiro através da competição, do empreendedorismo do sujeito e de uma reformulação política centrada puramente no capital.

Assim, a direita extremista dos dias de hoje compartilha uma gama de ideologias que a embasa, tanto econômicas quanto políticas e sociais, que são de natureza “antidemocráticas” (DARDOT; LAVAL, 2016). Ainda, grande parte da extrema direita está sob o mando do neoliberalismo, que influencia muito além das questões econômicas, levando a lógica da competição para questões estatais, sociais e até de direitos humanos. Tendo em consideração seu alcance global, Mudde (2019) elencou os principais temas de debate e questões políticas para a direita extremista, sendo eles a *imigração, a segurança, a corrupção e a política externa*.

A questão da imigração está presente desde muito antes da quarta onda da direita extremista no mundo, mas continua sendo uma das principais. Proeminente em quase todos os países da Europa e da América do Norte com uma representação da direita extremista considerável - além do Brasil e do Japão - considera que a imigração constitui uma ameaça existencial para o Estado e a Nação, podendo ser ainda mais exorbitante. Grupos de extrema direita chegam a ligar a imigração à sua supremacia racial, afirmando que os países do ocidente estão sofrendo um “genocídio branco”. (MUDDE, 2019)

Mudde coloca a teoria da conspiração “A Grande Substituição” como um dos principais causadores do temor frente a imigração. A teoria foi escrita no final do século XIX por franceses que, influenciados pelo antissemitismo e o racismo, declararam que o ocidente seria invadido por um maremoto de imigrantes não-ocidentais. A direita extremista não acredita que a imigração é o resultado da pobreza de países em desenvolvimento, mas sim que é algum “grande plano” de um grupo político de um país desenvolvido para angariar novos eleitores. Para os Estados Unidos da América e outros países da Europa, a islamofobia anda de mãos dadas com a imigração, geralmente acompanhadas de palavras depreciativas para se referir a outros povos. O ex-presidente Jair Bolsonaro já chegou a chamar os imigrantes que buscaram refúgio no Brasil de “escória do mundo”.² Ademais, existe uma ligação direta entre a questão da imigração e da segurança; baseando-se em preconceito, assimilam o aumento da criminalidade com a imigração.

Existe também uma obsessão por parte da direita extremista com o tema da segurança. Para eles, o conceito vai muito além da segurança física de indivíduos, “Segurança refere-se tanto a indivíduos quanto a grupos, mais notavelmente a nação ou raça, e tem um componente físico, econômico e cultural”. (MUDDE, 2019, p. 33, tradução própria) Quase qualquer questão política, independente de sua origem, pode ser vista como uma ameaça à ordem natural, a qual deve ser rapidamente resolvida por meios autoritaristas. Como dito anteriormente, a ligação entre imigração e segurança se dá a medida que a própria imigração é motivo de insegurança para o extremista de

² Veja a reportagem completa do Intercept Brasil em: <https://www.intercept.com.br/2021/07/23/deportacao-trabalho-escravo-governo-exercito-migrant-es-desastre-humanitario/>

direita; existe quase que um “senso comum” quando o assunto é algum crime que tenha ocorrido: a primeira coisa que vem a mente são os não-nativos. A imigração é considerada uma das principais causas do aumento da criminalidade, além de políticas “sonsas” ou “fracas” por parte dos políticos da oposição, que acabam também sendo culpados através de alegações de corrupção. A direita extremista é avessa à insegurança e, já que sua nação é toda poderosa e superior a quaisquer outras, a criminalidade não poderia vir tão facilmente de dentro. O único crime que é “aceito” que seja cometido por nativos é a corrupção.

De acordo com Mudde (2019), o tema da corrupção para a direita extremista é derivado do cruzamento das ideologias do autoritarismo e do nativismo. Isso cria uma ponte direta com a relação de povo e elite, sendo a elite (políticos *mainstream* e a elite econômica, principalmente) acusada de desviar os impostos da população. Creem que a elite em questão é de “esquerda” e guiada por princípios neo marxistas e do comunismo. Outra versão da corrupção também é alegada: a corrupção das mentes de jovens, mulheres e crianças por parte dos acadêmicos, jornalistas e políticos da elite esquerdista. A compreensão do autor é de que a corrupção não é algo ligado necessariamente a algum posicionamento político e que pode existir em todos os contextos.

Enfim, a última questão apresentada pelo autor é a política externa. Esta vem como um jogo e onde pode haver apenas um vencedor, no qual a primazia é dada para o sucesso da nação sob quaisquer questões internacionais; como aconteceu no posicionamento político de Donald Trump frente a comunidade internacional, intitulado de *America First* (Primeiro a América). Desgostam de organizações internacionais como a União Europeia (UE) ou a Organização das Nações Unidas (ONU), pois acreditam que tais órgãos são os primeiros passos para um mundo cosmopolita e regido por um único governo mundial. A título de exemplificação, a saída do Reino Unido da UE, também conhecida como Brexit, pode ser vista como um afastamento das rédeas de uma organização supranacional.

Fora das questões principais, Mudde (2019) destaca a importância da religião para a direita extremista.³ O movimento da direita extremista pode facilmente se aliar a qualquer religião, como também pode se apresentar pagão ou até ser contra determinada religião. Porém, parece haver um consenso entre múltiplas nações do ocidente sob os mandamentos do Cristianismo; os valores religiosos são considerados importantes o suficiente para fazerem parte das políticas adotadas por determinado governo, posicionando ideias do conservadorismo moral no cerne das discussões dos partidos.

Existe, ainda, uma ligação direta entre a religião e o neoliberalismo, a qual pode ser explicada pelas teorias de Dardot e Laval (2016) e Wendy Brown (2019); a lógica do capital se estende para todas as esferas da vida, tornando as relações sociais em uma espécie de corrida, vence quem for o melhor. Como afirmam Gracino Junior, Goulart e Frias ao buscar entender como funcionou a expansão territorial e o crescimento da popularidade das igrejas evangélicas no Brasil: “O crescimento do pentecostalismo e a replicação de inúmeras igrejas pelos bairros e periferias do País acabam funcionando como empreendimentos de fé que concorrem entre si pela atenção e adesão do fiel”. (GRACINO JUNIOR; GOULART; FRIAS, 2021, p. 558) Destarte, o evangelismo brasileiro tomou frente na replicação de ideologias neoliberais através da confiança de seus seguidores, promovendo o alívio do sofrimento e da miséria. Ao misturar afeto (SAFATLE, 2018) com autoridade política e/ou a lógica do capital, a impossibilidade de realizar julgamentos racionais torna qualquer decisão tendenciosa.

A religião para a direita extremista é também responsável por reafirmar concepções preconceituosas; é normal utilizarem discursos nativistas ou até racistas para afirmar a noção de guerra permanente contra o inimigo comum e glorificar seus seguidores enquanto os “predestinados”. Eles pregam pela necessidade de uma reconstrução (similar ao renascimento fascista), embasada na Teologia Reconstrucionista, na qual a sociedade deve se pautar nos valores e padrões da Bíblia, principalmente do Velho Testamento. No caso do protestantismo americano, a religião teve um papel importante no posicionamento político da direita:

³ Veremos que a religião também é levada em consideração na formação de opinião do eleitorado brasileiro. Ver *É hora de colocar os pingos nos is*.

“[...] a teologia reconstrucionista, embora fosse adotada por grupos minoritários dentro do protestantismo, seu discurso serviu como um catalisador para a aglutinação da direita cristã americana, cumprindo o importante papel de promover o encontro da direita pré-milenista evangélica com uma postura dominionista mais radical, traduzida como maior participação na política.” (GRACINO JUNIOR et al., 2021, p. 560)

No Brasil, Jair Bolsonaro assumiu a posição de messias, o único que seria capaz de reestruturar o país após a catástrofe petista, e conduzi-lo para a salvação. Por fim, podemos afirmar que a extrema direita atual é muito mais complexa do que aparenta, corroborando de múltiplas ideologias para chegarem, inevitavelmente, a um mesmo destino: a antidemocracia. Espalhados pelos quatro cantos do mundo, a extrema direita ascende cada vez mais e, apesar de alguns governos já terem findado, o movimento está longe de ter um fim. Graças aos múltiplos impactos das mídias e dos veículos de comunicação, a extrema direita é capaz de manter suas questões sempre em pauta, mobilizando a parcela da população que apoia o movimento.

Donald Trump e os Estados Unidos

A crise financeira de 2008 devastou a economia estadunidense e, os despossuídos, por suas vezes, viram pela primeira vez tamanha confirmação de seu ressentimento frente às políticas que incluíam a todos menos a eles. Em 2016, ano da eleição de Donald Trump, a população americana já estava indignada com o neoliberalismo progressista encabeçado pelo ex-presidente Bill Clinton, que deixou seu legado para ser perpetuado na sociedade estadunidense por quase duas décadas.

Arlie Russell Hochschild (2016) estudou de forma extensiva os despossuídos citados por Brown (2019). Ao viver durante cinco anos em meio a seguidores do movimento *Tea Party*, um dos principais movimentos da extrema direita estadunidense⁴, Hochschild foi capaz de delinear o perfil dos despossuídos no interior dos Estados Unidos após a crise de 2008 que, eventualmente, viriam a ser defensores e eleitores de Trump. A autora expressa a importância do governo estatal apoiador do armamentismo, da

⁴ O movimento Tea Party foi, não coincidentemente, criado um ano após a crise de 2008. Ver <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-11317202>

religião e da mídia para o grupo em questão, pois estes lhe traziam alguma espécie de conforto enquanto viam minorias receberem os mesmos privilégios que trabalharam duro para alcançar. Com o passar dos anos, o *Tea Party* cresceu exponencialmente, esperando que um líder assumisse o poder e lutasse por suas crenças.

Como bem colocara Nancy Fraser (2019), a profunda rejeição do *establishment* político que perdurou durante décadas foi um dos principais fatores para a vitória de Donald Trump na corrida eleitoral. Enquanto um político populista e performático, Trump foi definido como fascista tanto por analistas de esquerda quanto de direita; o autor italiano Enzo Traverso faz uma breve análise da personalidade do líder do Partido Republicano ao compará-lo com os líderes fascistas clássicos:

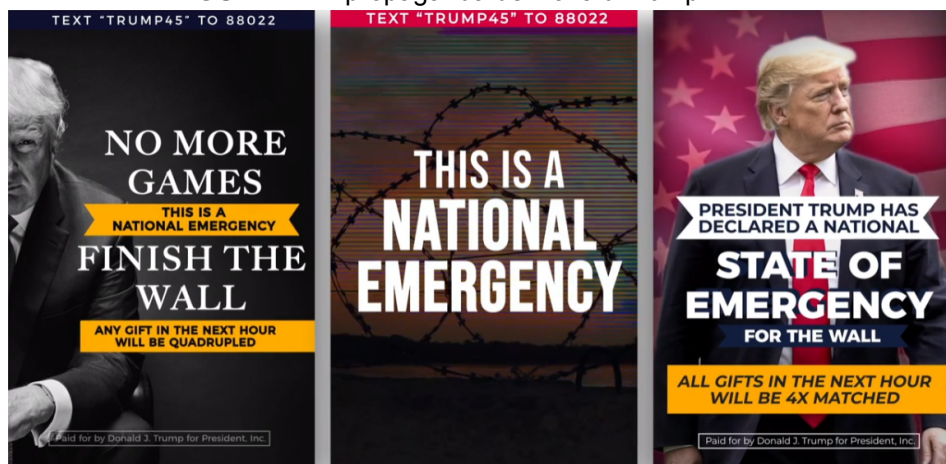
“Trump se apresenta como um «homem de ação» e não de pensamento; ele dá vazão ao seu sexismo ofensivo, ostentando sua virilidade de modo particularmente vulgar e ultrajante; usa a xenofobia e o racismo como instrumentos de propaganda, prometendo expulsar muçulmanos e latinos do país, prestando homenagens à polícia quando esta mata negros norte-americanos, e até sugerindo que, devido à sua ascendência familiar, Obama não seria de fato um norte-americano.” (TRAVERSO, 2021, p. 33)

A campanha e o governo do ex-presidente dos Estados Unidos ficaram marcados pela campanha dotada de traços do conservadorismo moral, como a religião e o nacionalismo, popularmente conhecida como *Make America Great Again* (MAGA). Esta fazia referência direta ao legado deixado por seus antecessores, expressando de forma deliberada seu teor *antiestablishment*. Na verdade, Donald Trump em si é a personificação do *antiestablishment*, o que fica perceptível ao observarmos o tipo de linguagem que usou em seu discurso após ser nomeado pelo Partido Republicano para a corrida presidencial em 2016: “Eu sou a sua voz.” “Eu serei campeão - seu campeão.” “Ninguém conhece o sistema melhor que eu, e é por isso que só eu posso consertá-lo”. (RUCKER; LEONNIG, 2020, p. 10, tradução própria)

Além da aversão ao *establishment*, o foco da MAGA era criticar a política feita por seus antecessores e representar a vontade do público: a reestruturação de um país forte e soberano, que defenda princípios neoliberais, como a redução dos gastos públicos direcionados a questões sociais e o livre

comércio, e que elimine quaisquer obstáculos que possam interferir em sua missão. Dessa forma, os principais focos da campanha de Trump eram a imigração, a segurança pública, a corrupção e a preocupação com o comércio e a política internacional. Exatamente os quatro temas apontados por Cas Mudde em *The Far Right Today* (2019). Outro foco de Donald Trump era, indiretamente, o nativismo disfarçado de xenofobia, representado pelo movimento *Build the Wall* ou *For the Wall*, que consistiu em construir um muro entre a fronteira dos Estados Unidos e o México, no intuito de dificultar a entrada de imigrantes.

FIGURA 1 - A propaganda de Donald Trump



Fonte: The New York Times. ⁵

Ademais, Fraser e Jaeggi (2018) discutem sobre como o racismo e a xenofobia estão diretamente ligados ao neoliberalismo durante a campanha e o governo de Donald Trump. Como vimos anteriormente, Trump buscou em sua campanha se posicionar enquanto um populista reacionário, culpando os problemas econômicos do país na emergente imigração e nas políticas neoliberais progressistas que, enquanto buscavam por inclusão social, arrasaram a economia do país. Assim, a campanha de Trump tocava no ressentimento mais profundo da classe média ao mesmo tempo que mostrava para eles o inimigo em comum. O ex-presidente americano prometeu beneficiar

⁵ Lê-se, na imagem da direita: Chega de jogos. Terminar o Muro. Na imagem do meio: Esta é uma emergência nacional. Na imagem da direita: O presidente Donald Trump declarou estado de emergência a favor do muro. (tradução própria)

Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2019/08/05/us/politics/trump-campaign-facebook-ads-invasion.html>

os trabalhadores que tinham sido deixados de lado, porém, através de um “*bait and switch*” (FRASER; JAEGGI, 2018), Trump foi eleito e ao invés de cumprir com sua promessa, enganou a população e rapidamente retornou a aplicação de políticas neoliberais que favoreciam principalmente a elite.

Outro fator importante da campanha de Donald Trump foi o uso das novas mídias a seu favor; o que ficou conhecido como o escândalo da Cambridge Analytica (empresa contratada por Trump para auxiliarem sua campanha), faz jus ao uso dos dados inseridos no Facebook de mais de 87 milhões de pessoas para que pudessem, baseados na personalidade de cada indivíduo, distribuir de forma repetitiva propaganda política e *fake news* sobre os adversários para possíveis eleitores de Trump. (CADWALLADR; GLENDINNING, 2018) Também, a participação da emissora de televisão Fox News foi de suma importância para Trump, como veremos mais à frente.

Finalmente, dois anos após a eleição de Trump e a alguns quilômetros de distância da América do Norte, o Brasil se encontraria em uma situação similar a dos Estados Unidos ao eleger Jair Messias Bolsonaro como presidente da república.

Jair Messias Bolsonaro e o Brasil

Em 2018, de forma similar aos Estados Unidos, o eleitorado brasileiro se encontrava indignado com a classe política. O antipetismo dominava (e ainda domina) grande parte do ideário das classes média e alta, formando um cenário propício para a reemergência (MIGUEL, 2018) verdadeira dos movimentos de extrema direita que já vinham ganhando força desde 2013, após as Jornadas de Junho.

Em *Democracia na periferia capitalista: Impasses do Brasil*, Luis Felipe Miguel (2022) mostra que, desde o primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) teve um início conturbado e dividiu opiniões a partir do escândalo do mensalão. Indubitavelmente, o governo de Lula teve diversos êxitos (principalmente para a parcela mais pobre da população), porém próximo do fim de seu último mandato, o petista encontrou dificuldades para lidar com as próprias alterações que gerou, deixando para sua sucessora um cenário de instabilidade.

O desgastado governo petista era questionado de todos os lados, seja pelos feitos em seus mandatos ou pelas acusações de corrupção que a mídia da época tanto veiculava. Camila Rocha (2019) afirma que as principais manifestações após a reeleição de Dilma Rousseff, foram os primeiros passos da rejeição ao sistema político que vigorava no país na última década. Logo, deu-se início a um conjunto de manifestações dos mais variados propósitos, milhões de pessoas foram às ruas protestar contra o governo PT e defender o que acreditavam e, dentre esses, a militância liberal encontrou uma ótima oportunidade para se projetar no meio político nacional. Assim surgiu o Movimento Brasil Livre (MBL), um grupo guiado por ideais ultraliberais que rapidamente foi conquistando seu espaço no país.

Um ano após as Jornadas de Junho, foi dado início a Operação Lava-Jato, uma iniciativa de combate a corrupção que deflagrou diversos escândalos da política brasileira durante os governos de Lula e Dilma, o que aumentou ainda mais a aversão ao PT que vinha sendo construída. Conseqüentemente, o ideário liberal foi capaz de atingir abrangência nacional, inserindo novos personagens aliados ao liberalismo/neoliberalismo ao jogo político Brasileiro. Um desses personagens era justamente Jair Messias Bolsonaro, grande defensor da apatia política, do conservadorismo moral e dos princípios neoliberais. Bolsonaro deixou de ser apenas um militar e Deputado Federal do Rio de Janeiro para se tornar o “presidente de extrema-direita, eleito democraticamente, mais radical do mundo nas últimas décadas.” (ROCHA; SOLANO; MEDEIROS, 2021, p. 13, tradução própria.)

Emblema do extremismo de direita, Bolsonaro e sua equipe foram muito inteligentes ao centrar as atenções da população na imagem do político e o que ela representava: sua campanha foi marcada por uma abordagem populista e conservadora, com ênfase na segurança pública, no combate à corrupção e na retórica antiestablishment. Bolsonaro conquistou grande apoio nas redes sociais e entre eleitores insatisfeitos com a situação política e econômica do país. Além disso, sua campanha também foi alavancada por um atentado que sofreu durante um comício, o que gerou simpatia e aumentou sua visibilidade.

Os defensores de Bolsonaro são muito similares aos de Trump, o que pode ser visto de forma nítida em *Quem são e no que acreditam os eleitores de*

Jair Bolsonaro. Kalil (2018) separa o eleitorado bolsonarista em dezesseis categorias; de forma geral, este é composto majoritariamente de homens brancos, militares e ex-militares, religiosos e conservadores, pessoas medianas e de bem (trabalhadoras, com fortes valores familiares etc). A autora salienta ainda que existe uma participação considerável de mulheres apoiadoras, as *Bolsogatas* ou *Bolsolindas*, que procuram reafirmar a imagem de uma mulher de direita, bem sucedida, que não deixa de ter sua feminilidade, o que acreditam que aconteça com as feministas.

Com grande carisma, Bolsonaro defendia (e ainda defende) a noção de uma “família tradicional brasileira”, do homem trabalhador e provedor de sua família, além de aliar a religião e o nacionalismo em seu discurso, como é o caso da famosa frase “Brasil acima de tudo, Deus acima de Todos”. Através da *contrapublicidade dominante*, o ex-presidente utilizava uma retórica agressiva, numa mescla de palavrões com um humor ácido, na tentativa de atacar as bases institucionais e culturais para eventualmente substituí-las por uma cultura política autoritarista (ROCHA et al., 2021). Como afirma Isabela Kalil (2021), a plataforma política de Bolsonaro está diretamente ligada à oposição ao PT e sua constante “ameaça comunista”, além da oposição ao ativismo relacionado aos direitos humanos, como questões ambientais, ações afirmativas, igualdade de gênero e direitos do povo nativo e da comunidade LGBTQIAPN+.

FIGURA 2 - A propaganda Bolsonarista



Fonte: Página no Facebook de Jair Bolsonaro⁶

Assim como Trump, Jair Bolsonaro propôs endereçar leis que reforçassem a identidade nacional através do nativismo, defendendo políticas

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>

que dificultavam a imigração de refugiados. A questão do punitivismo e da segurança também foram de suma importância para seu governo, similar ao autoritarismo que Mudde apontou (MUDDE, 2019), regulando a criminalidade com punho firme e penas mais graves. Além, claro, de jurar que seu governo seria o responsável por varrer a corrupção do país.

A grande mídia brasileira e as redes sociais ganharam um destaque muito importante para toda trajetória de Bolsonaro e do Brasil sob as luzes da extrema direita. Bem como Donald Trump, a mídia convencional⁷ entrou para a lista dos maiores inimigos de Bolsonaro, enquanto as redes sociais estavam dentre seus meios de comunicação preferidos. As redes sociais foram o principal veículo de disseminação de informações da campanha eleitoral de Bolsonaro em 2018; sendo capaz de atingir a um grande número de pessoas com apenas um clique, Bolsonaro encontrou seu meio de comunicação com seus eleitores, o qual era usado tanto para reforçar os ideais que o políticos defendia quanto para propagar desinformação e *fake news* sobre seus adversários e eventuais posicionamentos que batiam de frente com seus ideais de governo.

Por fim, existe ainda uma relação entre a grande mídia e as redes sociais que constantemente influenciam o ambiente político. Tendo ainda mais efeito devido a baixa capacidade de reação da esquerda (MIGUEL, 2022) Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro tanto usufruíram quanto foram vítimas dessa relação.

A relação entre mídia e política

O papel da mídia

A mídia mantém no mundo inteiro um importante papel no enquadramento e divulgação de ideais políticas e a persuasão de massas. Miguel (2002) acredita que a mídia é responsável por grande parte das informações que consumimos, a ponto de estarmos tão imersos neste mundo controlado pela mídia que não conseguimos perceber o tamanho do seu

⁷ Aqui me refiro à mídia existente antes do advento da Web 2.0, como programas televisivos, rádio, jornais etc.

alcance. Assim, a mídia alterou e continua alterando por completo nossa forma de ver o mundo e, ao se relacionar com a política, não é diferente. Ao enxergar os dois campos como inseparáveis, Miguel (2002) elenca os principais fatores da relação entre mídia e política. Primeiro, o autor foca na centralidade dos meios de comunicação para a política - a mídia é responsável por ser o principal meio de contato entre os políticos e os cidadãos - fazendo a ligação entre candidato e eleitor.

Por ser o principal ponto de contato da política, a mídia é uma das principais responsáveis pelo “*agenda-setting*”. (MCCOMBS; SHAW, 1972) Considerado um dos momentos mais críticos para o jogo político, a produção da agenda pública é controlada pela mídia, à medida que esta tem a capacidade de receber e veicular as preocupações públicas. O impacto disso é visto tanto pela população, que costuma destacar as coisas que acha mais importante, quanto pelos líderes políticos, que por sua vez se veem na necessidade de dar uma resposta para a população.

Helcimara Telles (2015) também acredita que “Para avaliar a política, o cidadão necessita de informações e estas são obtidas, sobretudo, pelas notícias sobre política veiculadas nos meios de comunicação” (TELLES, 2015, p. 40). As imagens passadas pela mídia atingem diretamente a capacidade de formação de opinião dos cidadãos, impactando suas visões do sistema político e até mesmo seus votos. Isso reflete a volatilidade da política e sua dependência da agenda da mídia, visto que os problemas nacionais dependem da exposição midiática.

Tendo isso em mente, Miguel (2022) reitera que os meios de comunicação de massa (tanto as mídias tradicionais quanto as digitais) possuem uma posição de grande relevância nos regimes políticos contemporâneos. Não somente por cumprirem o papel de *agenda-setting* como fora acima mencionado, mas também por incorporarem uma dimensão da representação política, a mídia faz pelo cidadão aquilo que ele não pode fazer sozinho: ter uma participação efetiva e direta no jogo político. Por isso, parte da qualidade da democracia é atrelada ao grau de abertura que os grandes meios de comunicação dão para diferentes pensamentos e visões de mundo.

Normalmente aliados à direita (na época representada pelo Partido da Social Democracia Brasileira), os principais veículos de comunicação possuem

uma longa história, estando “sempre do mesmo lado, seja nas eleições presidenciais, seja nas grandes questões nacionais” (MIGUEL, 2022, p. 138). Do ponto de vista da relação entre mídia e política, a não pluralidade dos grandes veículos de comunicação é um dos maiores fatores que influenciam na construção do ideário da extrema direita na população. Como visto de forma superficial anteriormente, existe um extenso histórico de consenso na mídia brasileira quando o assunto é o Partido dos Trabalhadores e, para os fins deste trabalho, teve seu foco inicialmente no primeiro mandato de Lula e nos escândalos do mensalão, perdurando até meados do governo Bolsonaro.

Em junho de 2005 estourou a crise do mensalão, ligando o governo petista de Lula a escândalos de desvio de dinheiro, corrupção passiva e lavagem de dinheiro. A mídia brasileira e seus grandes veículos como a Rede Globo, o Veja e a Folha de São Paulo tomaram frente na representação da oposição contra o governo, veiculando constantemente matérias sobre os crimes. Isso fez com que o PT passasse para a “posição de vidraça” (MIGUEL, 2022) dos escândalos de corrupção no país, o que confirmaria o início do sentimento antipetista no Brasil.

Como uma das maiores propagadoras do antipetismo, a mídia brasileira de 2005 se manteve fechada a outras opiniões, o que criou um sentimento de temor dos governos petistas por parte da população. Mesmo assim, Lula deixou o cargo da presidência com alta taxa de aprovação (principalmente das parcelas mais pobres), entregando o país às mãos de sua herdeira, Dilma Rousseff. Sem demora, a então presidente foi vítima de uma campanha extremamente contrária a seu governo (FERES JÚNIOR; SASSARA, 2016). O massacre midiático aumentou ainda mais em 2014, ano de sua reeleição, quando houve a deflagração da Operação Lava Jato e do Petrolão.

A mídia enviesada relacionou toda a corrupção dos inquéritos analisados ao PT e seus líderes e, como João Feres (2016) analisara, os picos de matérias e reportagens negativas sobre Dilma aconteciam justamente quando a pauta era corrupção, o que se estendeu e manteve-se constante até seu impeachment. Nas palavras de Luis Felipe Miguel:

“No caso da preparação do golpe de 2016, para continuar tratando do mesmo episódio, o noticiário enviesado da Lava Jato, militantemente contrário a Dilma, associando o Partido

dos Trabalhadores à corrupção e retratando seus líderes como bandidos, fornecia o caldo de cultura para a desinformação pesada que circulava nos novos circuitos virtuais.” (MIGUEL, 2022, p. 143)

Portanto, o antipetismo não foi criado somente pela grande mídia brasileira e seus principais veículos de comunicação, mas é inegável a influência que tiveram, amplificando a rejeição do país contra o partido. O antipetismo ainda é muito presente na sociedade brasileira mas, após o golpe de 2016, a mídia dominante decidiu tirar o foco de suas manchetes da corrupção do PT para ater-se ao tema da criminalização política como um todo. João Feres (2021) aponta que a mídia acabou por veicular escândalos de corrupção não relacionados ao PT, o que fez com que realizassem que o problema da corrupção não estava somente em um partido, mas sim em todo o sistema político brasileiro. Tal realização fez com que o apoio incondicional à direita e ao PSDB não fosse mais possível, visto que esses também eram afetados pela corrupção.

Com a popularização das redes sociais, a grande mídia vem perdendo gradualmente sua relevância, principalmente pelo fato das redes sociais oferecerem uma gama muito maior de ideias, conceitos e visões de mundo. Avançando rapidamente, as tecnologias de comunicação tem se atualizado cada vez mais em praticamente todas as áreas, o que gera uma interação curiosa entre a mídia plataformizada e a mídia convencional. Todos nós participamos do que é chamado de Web 2.0, que faz referência a rede *World Wide Web* (WWW), “simbolizando a tendência de abertura tecnológica e editorial para participação do público na produção de conteúdos por meio de sites.” (D’ANDRÉA, 2015, p. 8)

A Web 2.0 introduziu uma série de aplicativos e serviços baseados na internet, como blogs, redes sociais, wikis, fóruns, plataformas de compartilhamento de mídia, entre outros. Essas ferramentas permitiram que os usuários se tornassem não apenas consumidores passivos de conteúdo, mas também produtores e distribuidores ativos. Anteriormente, a criação e disseminação de conteúdos era controlada principalmente por empresas de mídia tradicionais. Agora, qualquer pessoa pode criar seu próprio conteúdo e compartilhá-lo com uma audiência global, expandindo o conceito de mídia para

níveis muito maiores. Isso abriu espaço para uma diversidade de perspectivas e vozes, ao mesmo tempo que levou ao surgimento de notícias falsas e desinformação.

Pessoas públicas e empresas possuem seus próprios portais de notícias, além de comumente usarem redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Youtube* para divulgarem seus trabalhos. Enquanto as mídias convencionais perdiam suas forças, Jair Bolsonaro e Donald Trump aproveitaram que não tinham a melhor das relações com os grandes veículos para investir seus esforços nas redes sociais e na plataformização. Desde seus primórdios, ambos já se faziam presentes e angariavam milhares de seguidores; na época de suas respectivas campanhas eleitorais, contavam com milhões de seguidores prontos para defenderem seu candidato a todo custo. Tomaram as redes sociais como o principal meio de comunicação entre o candidato e os eleitores, que, em contraposição às campanhas eleitorais anteriores, possibilitou que candidatos e suas equipes impactassem diretamente no processo de formação de opinião dos eleitores.

Portanto, Miguel (2022) defende que as mídias convencionais não perderam sua utilidade por completo, tendo desenvolvido quase uma relação de mutualidade com as redes sociais. Programas televisivos, jornais, revistas e programas de rádio mantiveram parte da sua importância no *agenda-setting*, mas agora tem o dever de produzir notícias e conteúdo num geral para que estes possam ser replicados nas redes sociais, tanto dos veículos em si quanto de qualquer pessoa que desejar compartilhar aquela informação. Criou-se uma espécie de geração de conteúdo em cima de um conteúdo já gerado, funcionando como “[...] enclaves de reforço mútuo de crenças, visões de mundo e informações, praticamente imunes a qualquer desafio vindo de fora [...]” (MIGUEL, 2022, p. 248).

Assim, Letícia Cesarino (2022) faz uma extensa análise da plataformização que serve de ambiente para nós pessoas comuns, políticos, empresas, veículos de mídia e basicamente toda e qualquer pessoa ou entidade existente. A autora também afirma que a infraestrutura presente neste ambiente possui um viés político e que esse por sua vez favorece movimentos da direita extremista, conspiracionismos e demais forças antiestruturais. Além disso, argumenta que nossas sociedades estão mergulhadas em um

“mal-estar” devido a forma que as novas mídias “introduzem, difundem e capilarizam uma infraestrutura técnica que acelera a temporalidade sociotécnica e assim aprofunda a desestabilização dos sistemas preexistentes.” (CESARINO, 2022, p. 88)

O movimento da direita extremista e suas múltiplas vertentes aproveitaram-se de tal desestabilização dos sistemas e, de forma similar à torção existente na ideologia neoliberal após 2008 (BROWN, 2019), na qual defende-se a redução do estado na economia mas na verdade o usa para reforçar e expandir seus ideais - assim como promove a liberdade individual mas reforça desigualdades estruturais e desempodera instituições democráticas, a plataformização digital ofereceu uma gama de vantagens para que a direita extremista pudesse expandir sua zona de controle. Dessa forma, foram ocupando aos poucos diferentes nichos do mercado político, a partir das margens até o centro.

Tal emergência da direita das margens para o centro do governo e das discussões se deu não só por falhas pontuais do sistema político vigente até 2013, mas sim por mudanças na infraestrutura propiciadas por um rápido e desregulado avanço da plataformização. É importante frisar que as novas mídias não são a causa da ascensão de políticas extremistas, mas sim uma das variáveis que impulsionou o movimento por meio da sua funcionalidade técnica com ambiente propício para a disseminação de conteúdos populistas, “fino” em conteúdo mas cheio de performance. (MUDDE, 2019)

Surge então o populismo digital: a aplicação das ideologias do populismo dentro da plataformização digital. Este se baseia em duas coisas principalmente; o *crowdsourcing*, que consiste na obtenção de informações e opiniões de um grande grupo de indivíduos através da internet, tanto aliados quanto inimigos, separando os indivíduos em “personalidades” específicas; e na criação de uma *fanbase*, um grupo devoto a determinado líder ou agente político. Assim, um líder que faz usufruto do populismo digital pode alterar seu discurso ao receber métricas em tempo real.

Dessa forma, explicita Letícia Cesarino, o ex-presidente Jair Bolsonaro pôde reafirmar sua *fanbase* através da “produção em massa de marketing digital sobre as poucas realizações do governo, além de medidas temporárias para reduzir o preço dos combustíveis e aumentar a circulação de dinheiro por

meio de auxílios”. (CESARINO, 2022, p. 155) Em suma, o populismo digital se aproveita de tempos e sistemas em crise através da criação de uma relação antagonista entre os “bons” e os “maus”, mobilizando afetos de medo e ressentimento (KEHL, 2020).

Finalmente, a extrema direita não só compartilha de um ideário similar ao do fascismo para compor sua ideologia, como também utiliza de técnicas aplicadas na propaganda fascista para incitar seu público alvo. Como Jason Stanley (2018) afirma, o propósito antidemocrático por trás da propaganda fascista é chave para sua compreensão como um todo.

A ideologia fascista e sua comunicação: um adendo

Para compreendermos a propaganda bolsonarista veiculada durante o período de campanha eleitoral de 2022 surge a necessidade de entender a ideologia por trás da propaganda. Grande parte da ideologia que a extrema direita representa e eventualmente expressa em suas propagandas tem origem na ideologia fascista e seus meios de comunicação.

Vale ressaltar que utilizo o termo ideologia baseado na concepção de Karl Marx e Friedrich Engels ([1932] 2007). Ideologia é muito mais que um punhado neutro de ideias ou crenças, é um reflexo das relações de poder e das estruturas sociais presentes em cada sociedade, uma distorção da realidade que serve para os interesses da classe dominante. As ideias que prevalecem são sempre as da classe dominante, que impõem suas crenças sob a população no intuito de preservar sua dominação e opressão.

Mantendo isso em mente, o historiador e filósofo italiano Umberto Eco, em *Fascismo Eterno* (1995), elenca 14 características que são típicas da ideologia fascista (batizado de Ur-Fascismo). O prefixo “ur-” na língua alemã remete a algo que todos derivam, no sentido de que todas as variações do fascismo tem algum tipo de ligação com a ideologia “mãe” e, por mais que algumas das características possam ser atribuídas a outras ideologias, fanatismos ou ditaduras, basta que uma esteja presente para que possamos estar sob uma possível iminência fascista.

No decorrer deste trabalho, veremos como os pontos abordados por Eco se apresentam em diversas circunstâncias com uma nova repaginação, seja em sua unidade ou em conjuntos específicos. As características são:

1. Culto à tradição

O tradicionalismo é típico da ideologia fascista. O sincretismo de tradições antigas ou sequer místicas cria uma espécie de “mistura” desgovernada, que coloca os líderes fascistas como os verdadeiros herdeiros das tradições, da verdade dogmática, capazes de levar a nação a grandes conquistas e cumprir com seu destino.

2. Recusa da modernidade ou “irracionalismo”:

Tudo que é novo e não se encontra dentro do interesse comum é tratado com negação. Existe orgulho em ser reacionário e ultraconservador. A modernidade vem na contramão da tradição, batendo de frente com as crenças conservadoras e ameaçando a estrutura fascista. O autor afirma que essa rejeição pode ser compreendida como “irracionalismo”, uma verdadeira repulsa ao mundo intelectual.

3. Ação pela ação:

A reflexão e o pensamento são sinônimos de fraqueza e restrição. O pensamento crítico remete ao intelectualismo moderno, ao abandono dos valores tradicionais, resultando em uma ação impulsiva, sem qualquer tipo de reflexão sobre o tema em pauta.

4. Aversão à crítica:

Criticar o sistema, ou a própria ideologia, é visto como um passo em direção à modernidade. Quem critica, questiona ou discorda é considerado traidor.

5. Medo do diferente:

A ideologia fascista promove o medo, de forma exacerbada, contra aquilo que é diferente da unidade comum. O diferente é visto como intruso, e por isso o fascismo é racista por definição.

6. Apelo às classes médias:

O fascismo bebe diretamente da fonte da frustração das classes médias sob as crises econômicas e políticas, alimentada ainda pelo medo do comunismo. A classe média costuma ser o “público-alvo” da ideologia fascista.

7. Nacionalismo:

Nascer em determinado país é visto como um privilégio. A nação, os valores, a cultura e a história do país são vistos como superiores - uma forma de patriotismo exagerado, guiada por um orgulho cego. Isso pode facilmente levar à xenofobia, diminuindo outros países e outras culturas por não pertencerem propriamente à nação, como é o caso dos judeus.

8. Dicotomia entre ódio e medo:

Baseado num discurso ambíguo de que o inimigo é, ao mesmo tempo, forte demais e fraco demais, no qual a população deve sentir simultaneamente ódio e medo do inimigo. Assim, é possível assegurar que as pessoas sintam medo a ponto de serem ameaçadas pelo inimigo, mas que tenham certeza de que são capazes de derrotá-lo.

9. Guerra permanente:

A “vida pela luta” e o antipacifismo funcionam como os mantenedores da permanente guerra contra o inimigo. A ideologia fascista não funciona sem que haja um inimigo em comum e sua derrota é a prioridade, custe o que custar.

10. Elitismo:

Por mais que a população seja privilegiada por pertencer à melhor nação do mundo, tenha orgulho e se submeta a lutar até a morte por ela, o líder fascista sabe que existe a necessidade de hierarquia para domar o povo. Assim, quanto mais baixo na hierarquia social, mais desprezível, o que implica na valorização dos membros do governo ou do partido, sendo que aqueles mais leais à ideologia sempre serão mais beneficiados.

11. Heroísmo e o culto à morte:

O heroísmo é visto como norma - diferente de qualquer construção mitológica, com poderes excepcionais e está atrelado

à “vida pela luta”. Cada cidadão deve procurar os meios para se tornar um herói, conceito que também está relacionado ao culto à morte, no qual o herói que morre combatendo o inimigo é transformado em mártir e símbolo da nação.

12. Machismo e homofobia:

A ideologia fascista preza pelo homem bom, trabalhador e pai de família. Isso origina o desdém pela mulher e por hábitos sexuais não “tradicionais” como a homossexualidade. “[...] o herói Ur-Fascista joga com as armas, que são seu Ersatz (substituto de qualidade inferior) fálico: seus jogos de guerra são devidos a uma inveja pênis permanente. (ECO, 1995, p.10)”

13. Unidade da população:

Baseado num “populismo qualitativo”, o indivíduo é desprovido de sua individualidade e não é dotado de direito nenhum, enquanto o “povo” é o conjunto de pessoas que é capaz de exprimir a verdadeira vontade comum. O líder, tendo vindo do mesmo lugar que o povo, é o único capaz de enxergar e interpretar a população e seus desejos.

14. Linguagem simplória:

A utilização de um léxico pobre e uma sintaxe elementar é uma das formas de controle de massa da ideologia fascista. Com uma composição simplória de palavras, a chance de que haja algum desenvolvimento crítico diminui.

Theodor W. Adorno investiu esforços imensuráveis para a compreensão do fascismo como algo que se infiltra nas mais diversas situações sociais e consegue se manter vivo, afirma que: “[...] é possível explicar o potencial de um tal radicalismo de direita, que à época na verdade ainda não era visível, pelo fato de que os pressupostos sociais do fascismo ainda perduram.” (ADORNO, 2020, p. 45) O fascismo não é um evento isolado e limitado aos contextos da Alemanha e da Itália pós Primeira Guerra, ele envolve outras ideologias que corroboram consigo, como o liberalismo (o neoliberalismo faz uma participação importantíssima para a compreensão da extrema direita nos dias de hoje) e o tradicionalismo.

O nazismo e o fascismo começaram como movimentos políticos marginais, mas com o tempo ganharam popularidade. Surge então a questão de como o líder fascista seria capaz de manter sua platéia “domesticada”, além dos meios óbvios de imposição de poder e violência, propondo situações de extremismo constante, o qual coloca em risco a vida de cada cidadão e sacrifica por completo sua individualidade por um bem maior: o sucesso da nação. Custe o que custar, o fascismo desenvolveu meios de controle social para que pudesse alcançar seus objetivos. Nas palavras de Adorno:

“Não é suficiente apenas a velha explicação de que os interessados controlam todos os meios da opinião pública, pois as massas dificilmente seriam cativadas por falsas propagandas, toscas e capciosas, se nelas mesmas não houvesse algo que correspondesse à mensagens de sacrifício e vida perigosa.” (ADORNO, 2015, p. 71)

Dessa forma, aproveitando-se do descontentamento generalizado, de suas ideologias bem estruturadas e do “estado de exceção”, os líderes fascistas passaram a usar técnicas de propaganda eficientes para difundir sua mensagem e conquistar o apoio de diferentes setores da sociedade.

Durante o Terceiro Reich e a Segunda Guerra Mundial, a propaganda desempenhou um papel crucial na Alemanha nazista. O regime de Adolf Hitler utilizou diversos meios de comunicação para difundir suas mensagens. A propaganda radiofônica foi um dos principais instrumentos de influência e controle da população alemã. O rádio era uma das formas de mídia mais populares e acessíveis na época, e o regime nazista viu nisso uma oportunidade de alcançar e manipular as massas de maneira eficaz. A propaganda radiofônica era usada para transmitir informações e doutrinar os cidadãos, promover a ideologia nazista e instilar medo e ódio em relação aos inimigos do regime.

A principal emissora de rádio utilizada pelo governo alemão foi a Rádio Berlim. Sob a direção de Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda do Reich, a rádio difundia notícias, discursos, música, programas de entretenimento e peças de propaganda. Os programas eram cuidadosamente produzidos e transmitidos em horários estratégicos para atingir o maior número possível de ouvintes. A propaganda nazista foi caracterizada por uma série de

elementos-chave. Um deles foi o culto à personalidade de Hitler, retratando-o como um líder carismático e infalível. Os discursos de Hitler eram transmitidos ao vivo e também amplamente divulgados, reforçando a imagem de um líder poderoso e visionário. Além disso, a propaganda radiofônica nazista explorava técnicas de persuasão, como a repetição constante de mensagens-chave, a utilização de slogans cativantes e a criação de narrativas simplistas e emocionalmente carregadas. A intenção era criar uma atmosfera de adesão inquestionável à ideologia nazista e ao Führer.

A propaganda também visava desumanizar os inimigos do regime, em particular os judeus. Eles eram retratados como a fonte de todos os males da Alemanha, culpados por sua derrota na Primeira Guerra Mundial e pelos problemas econômicos do país. Essa demonização do povo judeu tinha o objetivo de justificar as políticas discriminatórias e a posterior implementação do Holocausto. Além disso, a propaganda radiofônica também era usada para criar um clima de temor em relação aos inimigos externos. Os países aliados eram retratados como ameaças à soberania alemã e a população era constantemente lembrada dos perigos representados por eles. Essa estratégia tinha como objetivo reforçar o sentimento nacionalista e garantir o apoio da população à guerra. As transmissões eram também feitas em diferentes idiomas, visando influenciar a opinião pública estrangeira e minar a moral dos adversários.

Hannah Arendt (1989), analisou diversos aspectos da propaganda e do totalitarismo durante a Segunda Guerra Mundial. No livro *Origens do Totalitarismo*, embora ela não tenha feito uma análise específica dessa propaganda na Alemanha durante esse período, Arendt destacou a importância da propaganda como uma ferramenta essencial do totalitarismo para moldar a opinião pública e controlar as massas. Ela argumenta que os regimes totalitários buscavam dominar e manipular as pessoas através de técnicas de propaganda massiva. Em suas palavras: “Os nazistas não eram meros nacionalistas. Sua propaganda nacionalista era dirigida aos simpatizantes e não aos membros convictos do partido. Ao contrário, este jamais se permitiu perder de vista o alvo político supranacional.” (ARENDR, 1989, p. 23)

Em *Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise*, Adorno faz uma complexa análise da relação entre psicologia, sociologia e psicanálise durante

o Terceiro Reich e seus exímios meios de uso da psicologia e da cultura de massas, que foram não só impulsionadas pela propaganda fascista, mas esta era de suma importância para compreensão da ideologia por trás da propaganda e da manipulação do povo. Através do carisma e da persuasão dos agitadores fascistas (LOWENTHAL; GUTERMAN, 1949), a propaganda fascista utilizava de slogans memoráveis e da incessante repetição de um mesmo punhado de ideias, a fim de provocar a alienação da população através de uma falsa sensação de contentamento com a realidade e controle imposto pelo regime. Mediante a repressão, o líder fascista usa de meios racionais para produzir efeitos irracionais sobre a população; “No inconsciente sedimenta-se aquilo que no sujeito sempre fica para trás e que tem que pagar as contas do progresso e do esclarecimento” (ADORNO, 2015, p. 95)

FIGURA 3 - A propaganda nazista



Fonte: Revista Focus⁸

Exaltando o líder e reforçando a imagem do povo enquanto unidade, ao mesmo tempo em que enquadra o comunismo, a instabilidade econômica e política (de acordo, principalmente, com as reivindicações da classe média), a corrupção e o diferente (a população judia, não-ariana e homossexual) como os verdadeiros vilões, a propaganda afeta não só o entendimento social da população, mas também o entendimento do próprio sujeito enquanto tal⁹.

⁸ Lê-se, na imagem da esquerda: Parem a corrupção. Votem nacional-socialistas. Na imagem da direita: Por trás dos poderes inimigos: o judeu. (tradução própria)
Disponível em: <https://www.focus.it/cultura/storia/nazisti-maestri-di-fake-news>

⁹ Adorno (2019) elenca nove variáveis que são comuns da personalidade autoritária, sendo elas: a) convencionalismo; b) submissão autoritária; c) agressão autoritária; d) anti-intracção;

Lowenthal e Guterman (1949) também se destacaram nos estudos da propaganda fascista, principalmente na criação do conceito de agitador. O agitador fascista é aquele responsável pela promoção da mobilização política fascista e a incitação da personalidade autoritária social - eles disseminam o ódio e criam ambientes hostis e conflituosos, na intenção de obter as vitórias políticas que desejam. Ao manipularem as emoções e a percepção do real, os autores também acreditam que é papel do agitador a exploração do medo, da insatisfação e da frustração para criar inimigos públicos “imaginários”, distorcendo a realidade e apelando para preconceitos e estigmas do tradicionalismo. Os “profetas do engano” tendem a fazer discursos inflamados, auxiliados por uma retórica convincente, para efetivamente desorientar o público e destruir por completo qualquer marco racional envolvido em uma possível mudança social. Em seu lugar, sugerem que tomem comportamentos espontâneos, sem um processo maior de racionalidade e suscetíveis à sua influência.

Utilizando-se também dos trabalhos de Lowenthal e Guterman, Adorno destaca três características predominantes da propaganda fascista. Primeiro, o autor afirma que se trata de propaganda única, personalizada para aquele público específico, feita de forma não objetiva. “Almeja convencer as pessoas *manipulando seus mecanismos inconscientes*, e não apresentando ideias e argumentos.” (ADORNO, 2015, p. 138) Os agitadores, enquanto lobos solitários ou *outsiders*, se identificam com seus ouvintes por serem pequenos, “homens comuns”, ao mesmo tempo que líderes carismáticos e de grande importância. Utilizam de uma forma íntima para substituir o imaginário individual por um ego coletivo. O fato do líder ou do agitador pertencer ao mesmo lugar do público gera uma espécie de empatia, à medida em que demonstra as suas fraquezas que potencialmente o transformará em um grande homem.

Segundo, afirma que a substituição dos fins pelos meios é de suma importância. Seus discursos são repletos de esperança, de que o “grande movimento” levará a nação para sua glória e seu renascimento, sem focar em como isto será conduzido, por quais meios, de que forma ou sequer para quais

e) superstição e estereotipia; f) poder e dureza; g) destrutividade e cinismo; h) projetividade e i) preocupação exagerada com “eventos” sexuais.

fins palpáveis aquilo está sendo executado; o que importa é o trabalho feito rumo ao destino da nação. Isso faz com que a própria ação do então dito “movimento” destrua seu propósito, restando apenas homens de bem, patriotas e cristãos dispostos a arriscarem sua vida pela glória de seu país.

A terceira característica é a *realização do desejo* (ADORNO, 2015). Tendo em mente que uma das finalidades da propaganda é promover os fins que se tornaram os meios, ela mesma se torna o meio - então, a propaganda é feita para propagar, para convidar a população a desfrutar de suas informações e sentir algo perto do pertencimento, do acolhimento das elites que merecem conhecer os mistérios obscuros daqueles que não pertencem ao grupo. A imprecisão dos fins políticos é inerente ao fascismo e isso se replica em sua propaganda como um todo, anulando a participação crítica da população e tornando-a um objeto para fins administrativos, ensinados a “re”propagar a ideologia e obedecer ordens.

Enfim, a sequelas da ideologia fascista e sua propaganda podem ser vistas facilmente ainda hoje, Stanley (2018) afirma que a campanha eleitoral de Donald Trump se beneficiou muito por ter um veículo de mídia convencional (com abrangência digital), a Fox News, que se prontificou a promover suas ideias com base no fascismo e eventuais teorias da conspiração, além de lhe dar mais um ponto de contato com seus eleitores. Não obstante, Jair Bolsonaro teve a mesma oportunidade com a Jovem Pan.

Fox News e Jovem Pan

Visões convergentes

A Fox News e a Jovem Pan têm sido veículos de comunicação amplamente conhecidos por seu alinhamento com a política de extrema direita em seus respectivos países. Ambos os meios de comunicação têm exercido influência significativa na formação da opinião pública, promovendo ideias e discursos que defendem o movimento da extrema direita atual.

A emissora apoiou ativamente o ex-presidente Donald Trump, oferecendo uma cobertura amplamente favorável ao seu governo e defendendo suas políticas controversas. Ao compartilhar de uma relação íntima com o

ex-presidente estadunidense, a emissora já possuía um histórico de ideias conservadoras e opiniões de direita. A história da Fox News remonta ao seu fundador, Rupert Murdoch, um magnata da mídia australiano-americano; ele tinha como objetivo criar uma rede de notícias que se destacasse por sua perspectiva conservadora, em contraponto ao que ele percebia como um viés liberal predominante nas outras redes de televisão nos Estados Unidos.

Dessa forma, a Fox News se consolidou como uma das principais redes de notícias do país. Durante a corrida presidencial de 2016, a rede foi amplamente favorável a Trump e muitos de seus apresentadores apoiaram abertamente sua candidatura. O canal transmitiu frequentemente comícios e eventos de Trump ao vivo e deu a ele mais uma plataforma para se comunicar diretamente com seus apoiadores - um de seus notórios apresentadores, Tucker Carlson - era defensor ferrenho de Trump e “a estrela mais reluzente da televisão a cabo dos Estados Unidos.” (COSTA, 2022)

Por sua vez, a emissora de rádio Jovem Pan também desfrutava de uma relação afetuosa com Jair Bolsonaro, mesmo que anteriormente não tivesse um posicionamento político declarado. Sob o comando de Tutinha Carvalho, a emissora ganhou muito mais visibilidade após os anos 2000, sendo uma das primeiras empresas a transmitir seus noticiários e outros programas ao vivo, através de seu portal e na plataforma Youtube. Foi nessa mesma época que a Jovem Pan começou a tomar um maior posicionamento político.

Inspirada por ideologias conservadoras e neoliberais, a empresa viu a oportunidade de se firmar enquanto a mídia da oposição, reforçando o antipetismo e a anti esquerda construída pelas mídias convencionais até o ano de 2016. Dessa forma, encontraram seu público cativo, que mantém até hoje, através de uma retórica também ácida, similar à do ex-presidente Jair Bolsonaro. A emissora é reconhecida por dar voz a políticos e agitadores da direita extremista, principalmente através de seu programa de comentários políticos “Os Pingos nos Is”.

Cumprindo um papel similar em seus respectivos países, um dos pontos de convergência entre a Fox News e a Jovem Pan é a narrativa de proteção dos valores tradicionais e conservadores. Ambas as mídias têm sido veículos de propagação de ideias que enfatizam a defesa da família tradicional, dos valores religiosos e da soberania nacional. A Fox News vem nos últimos anos

defendendo pautas conservadoras como a oposição ao casamento igualitário e a defesa do direito à posse de armas. Da mesma forma, a Jovem Pan, por meio de seus apresentadores e programas, tem promovido ideias semelhantes, como a oposição à descriminalização das drogas, a defesa de políticas de segurança mais rígidas e o armamentismo.

A Fox News, por exemplo, foi criticada por promover teorias infundadas sobre fraude eleitoral nas eleições presidenciais de 2020 nos Estados Unidos, alimentando a desconfiança em relação ao sistema eleitoral. Igualmente, a Jovem Pan também foi alvo de críticas por disseminar informações falsas, como teorias da conspiração relacionadas à pandemia de COVID-19 e à eficácia das vacinas. Essa disseminação de desinformação tem um papel significativo na construção da narrativa de partidos de extrema direita, que se aproveitam do clima de incerteza para fortalecer seu apelo junto ao público.

O documentarista e jornalista David Brock, em seu livro *"The Fox Effect: How Roger Ailes Turned a Network into a Propaganda Machine"* (2012), argumenta que a rede se tornou uma máquina de propaganda para promover uma agenda conservadora. Por outro lado, a Jovem Pan tem usado de figuras políticas brasileiras de extrema direita, como o ex-presidente Jair Bolsonaro e outros agitadores políticos como deputados, jornalistas e *influencers* digitais, para embasar seus programas de rádio e debates políticos. A defesa intensa e parcial de valores conservadores têm contribuído para a aceitação e apoio de pessoas que compartilham dessas visões políticas, criando uma base de apoio sólida e engajada. No que diz respeito à estratégia de comunicação, tanto a Fox News quanto a Jovem Pan têm utilizado uma retórica polarizadora e sensacionalista para atrair audiência e influenciar a opinião pública. Ambas as mídias têm adotado uma postura agressiva em relação a seus oponentes políticos, utilizando termos pejorativos e promovendo confrontos verbais.

No entanto, é importante destacar que, embora a Fox News e a Jovem Pan sejam, primeiramente, consideradas veículos de mídia convencionais (por terem surgido na televisão e no rádio, respectivamente), elas são - como Miguel (2022) afirma ao falar sobre a importância da mídia para a extrema direita - a representação do corpo social apoiador da extrema direita. São a voz que a extrema direita precisava para ser ouvida, sendo capazes de produzirem conteúdo ao realizarem seus comentários e análises políticas ao mesmo tempo

que retroalimentam a ideologia da extrema direita como um todo. No Brasil, o principal programa que carrega essa responsabilidade frente à extrema direita é “Os Pingos nos Is”, da Jovem Pan.

O programa “Os Pingos nos Is”

O programa de rádio "Os Pingos nos Is", desempenha um papel significativo na história e no atual contexto político do Brasil, especialmente no que diz respeito ao bolsonarismo e aos governos de extrema direita. Com uma duração de duas horas diárias, o programa se tornou um importante veículo de comunicação para os apoiadores do presidente Jair Bolsonaro e seus aliados.

Lançado em meados de 2014, o "Os Pingos nos Is" rapidamente ganhou popularidade devido ao seu estilo polêmico e irreverente. Os primeiros apresentadores, Reinaldo Azevedo e Mona Dorf, eram conhecidos por abordar temas políticos de maneira agressiva e opinativa. O programa se destacou por sua retórica anti-establishment e críticas ácidas à esquerda brasileira, consolidando-se como uma voz influente no cenário midiático nacional. O impacto do "Os Pingos nos Is" pode ser observado tanto na esfera política quanto na opinião pública. Em junho de 2017 houve uma troca de apresentadores, entrando em cena Felipe Moura Brasil, Joice Hasselmann, Augusto Nunes e José Maria Trindade. O programa contribuiu para a disseminação de narrativas pró-Bolsonaro e anti-esquerda, fortalecendo o apoio ao presidente entre seus seguidores e alimentando a polarização política no país. Através de sua linguagem incisiva e confrontadora, o programa moldou o debate público, influenciando a forma como questões políticas e sociais são discutidas no Brasil. O programa também enfrentou acusações de parcialidade e de promover uma visão unidimensional dos problemas enfrentados pelo Brasil. A polarização gerada por essa abordagem pode dificultar a construção de consensos e o diálogo entre diferentes setores da sociedade brasileira, indo na direção oposta de toda a grande mídia brasileira.

"Os Pingos nos Is" reflete o cenário político brasileiro, que ainda é permeado pela influência do bolsonarismo e de governos de extrema direita. Como aponta a repórter política da revista piauí Ana Clara Costa (2022), após 42 dias da posse de Jair Bolsonaro em 1 de janeiro de 2019, o programa

sextuplicou suas visualizações e triplicou seu número de inscritos no *Youtube*. O conteúdo propagado por "Os Pingos nos Is" contribui para a disseminação de discursos de ódio e desinformação, prejudicando o ambiente democrático do país. Ainda assim, "Os Pingos nos Is" mantém uma base de ouvintes alta, que encontra nas opiniões expressas pelos apresentadores uma representação de suas próprias visões políticas.

É importante ressaltar que o "Os Pingos nos Is" não é o único programa de rádio ou veículo de comunicação a se alinhar com o bolsonarismo ou com governos de extrema direita. No entanto, seu alcance e influência significativos o tornam um exemplo relevante do papel desempenhado pela mídia no cenário político brasileiro. O programa exemplifica como a mídia pode ser usada como uma ferramenta poderosa para a disseminação de ideologias e a formação da opinião pública.

Nesse cenário, o "Os Pingos nos Is" encontrou terreno fértil para consolidar sua audiência e se tornar um espaço de apoio incondicional ao governo Bolsonaro. O programa adotou uma postura combativa, caracterizada pela defesa ferrenha das políticas governamentais, a demonização dos adversários políticos e uma abordagem polêmica e sensacionalista. Ao longo dos anos, o mesmo se tornou conhecido por seus comentários inflamados e pela falta de moderação em suas críticas. Os apresentadores frequentemente atacavam jornalistas, artistas, intelectuais e outros setores da sociedade civil que discordavam do governo Bolsonaro. O programa alimentava uma narrativa conspiratória, disseminava notícias falsas e promovia teorias da conspiração, o que o colocava em contraste direto com os "princípios" comumente associados ao jornalismo de imparcialidade e de veracidade.

Usarei aqui parte da matéria de Ana Paula Costa para a revista *piauí*, por explicar muito bem a atual conjuntura do programa:

"[...] é um programa transmitido ao mesmo tempo pela rádio Jovem Pan, dona da maior audiência no segmento de notícias em São Paulo, pela tevê a cabo Jovem Pan, hoje o segundo canal de notícias mais popular na tevê paga, e pelo seu canal no YouTube, onde tem mais de 100 milhões de visualizações mensais. É o único programa de debate político na lista dos mais vistos que não é exibido pela GloboNews, a maior tevê de notícias a cabo do país. É ancorado pelo jornalista Vitor Brown, com comentários de uma ex-jogadora de vôlei, Ana Paula Henkel, e outros três jornalistas – José Maria Trindade,

Guilherme Fiuza e a estrela do programa, Augusto Nunes. Não há contraditório. Todos os comentaristas pensam a mesma coisa.” (COSTA, 2022)

As emissões discursivas de Brown, Henkel, Nunes, Trindade e Fiuza representam não só o cerne do movimento da extrema direita no Brasil, mas também firmam suas posições enquanto verdadeiros agitadores do atual cenário político.

É hora de colocar os pingos nos is

Como vimos ao decorrer do texto, a chegada do movimento da extrema direita no Brasil é recente, mas já passou por diversos períodos até chegar onde está. Vindo da periferia do debate político, a extrema direita ascendeu novamente ao poder com Jair Bolsonaro, quebrando o paradigma político vigente até o momento. “Políticos e vitórias políticas encorajam movimentos de extrema direita que, por sua vez, se sofisticam à medida que manipuladores políticos e peritos em mídia social moldam sua mensagem” (BROWN, 2019, p.9). A palavra democracia foi ressignificada para “liberdade individual” ou “liberdade política” (BROWN, 2019), políticos e jornalistas se tornaram verdadeiros “agitadores” de multidões; “eles brincam com medos vagos e expectativas de uma mudança radical.” (LOWENTHAL; GUTERMAN, 1949, p. 4, tradução própria), além de usarem técnicas de psicologia para provocarem aqueles que estão com alguma indignação política. Nas palavras de Theodor Adorno:

“[...] a abordagem dos agitadores é verdadeiramente sistemática e segue um padrão rigidamente estabelecido de “dispositivos” claramente delineados. Isso não pertence apenas à unidade fundamental do propósito político - a abolição da democracia através do apoio das massas contra o princípio democrático -, mas ainda mais à natureza intrínseca do conteúdo e apresentação da própria propaganda”. (ADORNO, 2015, p. 154)

Com grande poder de persuasão, estes agitadores se alinham com a crescente era digital, a qual permitiu que os atores políticos atingissem um público maior e se engajassem diretamente com os eleitores, foram capazes de reproduzir seus pensamentos e ideologias em níveis muito maiores e de forma

muito mais fácil que antes, provocando na população ouvinte medos e expectativas irracionais, como Leo Lowenthal, Norbert Guterman e Theodor Adorno mencionaram. No entanto, também tornaram mais difícil distinguir a verdade dos boatos e informações distorcidas. A disseminação rápida e viral de informações nas redes sociais muitas vezes supera a verificação de fatos e a precisão, o que pode levar a uma distorção da realidade e influenciar a opinião pública.

Ao combinar a capacidade dos agitadores de infligir reações irracionais na população com discursos e meios de funcionamento racionais, pensados e arquitetados, chegamos próximos do tipo de propaganda fascista utilizada para controlar massas e vender a população do que realmente estava ocorrendo. Atrás da personalidade autoritária existente na sociedade, os agitadores funcionam como os “faróis” de muitos “barcos à deriva” da população brasileira. Líderes para os desamparados e despossuídos, como bem colocou Wendy Brown (2019), conseguem exprimir a inquietação latente dentro das pessoas. “Torna-se a pessoa neurótica e psicótica, e por fim dependente de seu assim chamado líder”. (ADORNO, 2020)

Como Umberto Eco afirmou (1995), o sincretismo é inato da ideologia fascista, o que implica na compilação de diversos pensamentos e ideologias diferentes e até contraditórios para completar o quebra-cabeça da ideologia. Tal compilação não ocorre de forma inteiramente racional, como se ocorresse de qualquer forma, pegando pedaços separados e juntando-os para firmar a ideia que deseja passar. Isso ocorre recorrentemente com discursos da extrema direita e não é diferente no programa “Os Pingos nos Is”; veremos como é costumeiro citarem diferentes ideias de múltiplas ideologias para comporem apenas uma afirmação. Da mesma forma que afirma Débora Messenberg em *A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros*:

“A atual cosmovisão da direita no Brasil, compreendida como um universo multidimensional, o qual abarca diferentes tonalidades ideológicas e emissões discursivas, exige esforço e cuidado redobrados do pesquisador para a sua decifração. Isso porque não se trata de um universo mental com contornos claros, nem fronteiras e limites bem definidos” (MESSEMBERG, 2017, p. 633)

As citações abaixo foram todas tiradas dos comentários dos participantes do programa durante as eleições de 2022. Concentram-se principalmente nos posicionamentos de Ana Paula Henkel, Augusto Nunes, Guilherme Fiuza, José Maria Trindade e Vitor Brown; além de algumas participações especiais. O quinto integrante da formação atual, Diogo Schelp, não receberá foco nesta pesquisa visto que sua participação no programa é - por mais que não seja declaradamente esquerdista ou coisa do tipo - de oposição. Suas contribuições não costumam se alinhar com o ideário da extrema direita brasileira, nem anteriormente nem durante as eleições.

O Quadro 1 ilustra as motivações e os padrões recorrentes de ideologias retiradas dos principais episódios do programa “Os Pingos nos Is”, da emissora de rádio Jovem Pan durante o período eleitoral. As narrativas com ideias repetitivas que permeiam e sustentam o funcionamento do programa enquanto um dos principais veículos de mídia da bolsonarista, obtiveram imenso sucesso, acumulando milhões e milhões de visualizações. As repetidas ideias-força compuseram os seguintes campos semânticos: o *antipetismo*, o *conservadorismo moral*, o *neoliberalismo*, o anti judiciário e a *exaltação do líder*.

Quadro 1 - Campos semânticos e ideias-força

O *antipetismo* é, sem dúvidas, o campo semântico que mais foi expressado e repetido no programa “Os Pingos nos Is” dado o recorte das eleições de 2022. O susto não é tão grande, já que o principal antagonista da empreitada da nova direita no Brasil é justamente o Partido dos Trabalhadores (PT). Seguindo no sentido do antagônico, o PT e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assumiram o posto de inimigos declarados do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e seu legado extremista. Afirmações, ou melhor, consensos como “Lula ladrão” e “PT corrupto” são expressões comuns no programa. O PT é, para eles, um partido de extrema esquerda, a encarnação do comunismo, o Estado grande e truncado, o inimigo da iniciativa privada e da acumulação de bens - além de melhor amigo da “falida” urna eletrônica. Tudo que faça a menor referência ao PT ou a Lula é motivo de asco genuíno para os apresentadores do programa e seus seguidores. À luz dos ensinamentos de Adorno em

Estudos sobre a personalidade autoritária (2019), a diferenciação entre “nós” e “eles” é de suma importância. O que a extrema direita vem fazendo para se firmar no espaço político brasileiro é, também, assegurar que “eles”, os excluídos, as minorias, os discriminados e os alienados, nunca possam se misturar com o “nós”, guiados por um senso de unidade e hegemonia da ideologia fascista.

Ser antipetista é ter pavor do comunismo, da transformação do Brasil em algum tipo ou projeto de Argentina, Cuba ou Venezuela; é não aceitar, de nenhuma maneira, qualquer possibilidade de entendimento com o PT ou quiçá da esquerda brasileira como algo bom ou plausível.

“Falo palavrão mas não sou ladrão não é só uma rima, isso é uma fala muito importante, porque ela separa de fato duas coisas, uma é o que se tenta, esses que já desistiram da democracia ficam tentando construir uma estética, e tentar criar essa tese fajuta do facismo etc contra a democracia, em cima de uma estética, de uma caricatura do presidente da república [...] pra quem tá vendo isso na rua, o nome disso é povo, é sociedade, é uma reunião gigantesca dos cidadãos brasileiros [...] e por que eles estão assim tão motivados? Eles não têm nada pra fazer? Eles tão de bobeira? Não, eles percebem que a sua vida melhora com a gestão do atual governo e isso é outra coisa inquestionável, e se não fosse isso não tinha nem graça falar sobre resultados administrativos.” (Guilherme Fiuza, Os Pingos nos Is, 7 set. 2022.)

“Pra resolver o problema, as ameaças à democracia, para que elas não se concretizem, deve ser eleito um candidato que é apaixonado pelo regime venezuelano e pelo regime cubano. [...] A Venezuela é um vizinho, um problema real, nós temos 350 mil venezuelanos no Brasil, refugiados. [...] Quem vai salvar a democracia é alguém que diz abertamente que é preciso censurar a imprensa [...] e continua dizendo que a Venezuela e a Nicarágua são exemplos a seguir. [...] Expliquem porque um ladrão, lavador de dinheiro, vai salvar a democracia.” (Augusto Nunes, Os Pingos nos Is, 15 ago. 2022)

As ideias-força que implicam na existência de um “consórcio da mídia” e de algum tipo de censura imposta ao jornalismo “verdadeiro” - feito por veículos como a Jovem Pan, a Revista Oeste e o Brasil Paralelo - por parte da mídia esquerdista (por assim dizer) ou até de algum tribunal federal como o Supremo Tribunal Federal (STF) ou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE)¹⁰ são vistas como mais uma forma de impor a luta entre o bem e mal.

¹⁰ Para fins de afirmação, este trabalho não tem o menor intuito de afirmar, diretamente ou indiretamente, se as decisões dos tribunais foram corretas ou não.

Não só isso, existe também uma retórica ligada ao *antiestablishment* embutido neste discurso, visto que o “consórcio” é formado principalmente por empresas midiáticas que veem o establishment como aliado. Ainda, a discussão do *antiestablishment* para o Judiciário será discutida um pouco mais a frente, porém, o programa e a extrema direita brasileira acreditam que as censuras impostas pelo STF e o TSE a programas (inclusive o próprio “Os Pingos nos Is”), publicações e contas de usuários nas redes sociais são ataques pessoais à liberdade de expressão, e não uma tentativa de diminuição da desinformação durante o período eleitoral. Assim, ser antipetista é também se referir e denunciar a “mídia esquerdista”, “grande mídia”, “consórcio” ou a censura que remete a períodos ditatoriais.

Mas de fato, aquela postura independente para tratar o Lula como uma pessoa que tá chegando de banho tomado com ótimas ideias para o Brasil, e aquela roubalheira ninguém viu, ninguém sabe. Quanto mais se tenta essas acrobacias grosseiras, carnavalescas no mal sentido, do bloco dos sujos, mais as pessoas comuns, cidadãos, irão às ruas caudalosamente, ao perceber que no STF e no TSE existe a tentação de induzir o momento de transição de poder. Com essas posturas como a Ana disse, policiais, questão de ir pra cima do eleitor, prender em flagrante quem tumultuar. Olha, vocês deveriam, jornalistas advogados procuradores, cês deviam se envergonhar disso, isso é coação ao eleitor, isso é exatamente a anti democracia, mas vocês tão gostando, tão jogando gasolina porque acham que assim vão rifar o Bolsonaro e colocar o sacrossanto Lula da Silva. Vamos ver, o 7 de setembro vai mostrar. (Guilherme Fiuza, Os Pingos nos Is, 30 ago 2022.)

Na tentativa de confirmar “eles” como maus e “nós” como bons, o antipetismo foi uma peça pivô para a polarização política que vimos durante toda a corrida eleitoral. Como inimigos declarados não só do programa “Os Pingos nos Is”, mas sim de toda massa que segue Bolsonaro, o PT e Lula são símbolos da corrupção, da mentira, do crime e de tudo que há de ruim.

Já o *conservadorismo moral*, campo semântico facilmente notável em diversos ambientes amistosos para a extrema direita, possui a participação mais latente na programação de “Os Pingos nos Is”, repercutindo valores tradicionais repetidamente. Os conservadores morais acreditam que esses valores e tradições são fundamentais para a estabilidade e a ordem social, e que devem ser preservados e transmitidos às gerações futuras. Eles geralmente defendem a importância da família tradicional, com um foco nos

papéis tradicionais de gênero e na instituição do casamento. Além disso, eles tendem a ser céticos em relação a mudanças rápidas nas atitudes em relação à sexualidade, à religião, ao aborto e a outras questões éticas.

O resgate da fé cristã é uma das ideias-força com mais reincidência, principalmente em questões que envolvam determinados candidatos que rejeitam práticas abortivas e defendam a família tradicional e o casamento conservador. Seja da vertente católica ou evangélica, o cristianismo é a crença predominante no Brasil e seus mandamentos se infiltram constantemente no âmbito político. Assim, a imagem e a vida da população LGBTQIAPN+, de integrantes de outras religiões não derivadas do cristianismo, e de qualquer hábito que fuja do tradicionalmente comum como a prostituição ou alcoolismo podem se tornar uma espécie de personificação do diabo; ou “demiurgos de todos os males e malefícios”, como colocam os autores (GRACINO JUNIOR et al., 2021). Isso ocorre devido a movimentações de afetos e do ressentimento (KEHL, 2020) por não terem sido capazes de assumirem a culpa de seus pecados e infortúnios ao mesmo tempo que enquadram o “Mal” em alvos do seu cotidiano, que, não necessariamente, dividem dos mesmos ideais que o cristão.

“Sou católica apostólica romana e falo isso de uma maneira muito confortável. Cristão não vota em abortista, ponto. O seu Geraldo Alckmin que é vice do ex-presidente ex-presidiário Lula que já declarou que vai colocar como “saúde pública feminina” políticas abortistas, até agora ele não se manifestou. [...] Cristão defende a vida no ventre de suas mães, assim como eles adoram Jesus desde que ele estava no ventre de sua mãe.” (Ana Paula Henkel, Os Pingos nos Is, 30 ago. 2022.)

O sexismo e a família tradicional operam como forças congruentes para a audiência do programa e a direita extremista brasileira. Aparece como um esforço homérico a tentativa constante de hierarquizar os papéis sociais, baseados na concepção da família tradicional e patriarcal; essa noção é derivada no nativismo, visto que a população precisa ser composta por indivíduos que remontem a grande nação. Cas Mudde (2019) afirma que o *familiarismo* é endêmico em grupos de direita extremista, subjugando os direitos de auto-determinação e qualquer ideologia de gênero. Estas ideias-força ainda podem se expandir contra questões do feminismo e de

sexualidade - porém estes não aparecem com tanta incidência no espaço-tempo da análise.

“[...] essa turma não fala em proteger essas jovens meninas, mulheres, atletas, que hoje vem nessa política de permitir homens biológicos no esporte feminino, elas vem nessa política, vivem com choque e são colocadas numa espiral de silêncio, homens biológicos tomando seus lugares, nos esportes elas tem que ficar caladas. Se vamos falar em uma política pública capaz de proteger essas mulheres porque não podemos falar da proteção dessas jovens no esporte [...] em prol de lutar pelo seu direito de ser uma mulher biológica porque senão você vai ser taxada de transfobia, homofobia, de facista.” (Ana Paula Henkel, Os Pingos nos Is, 16 set. 2022.)

“O que a candidata Simone Tebet escreve sobre a fala do presidente Jair Bolsonaro aqui não corresponde à realidade, ele apenas falou da mulher dele, à maneira dele pras pessoas que estavam ali, de como definir uma parceira nos critérios dele” (José Maria Trindade, Os Pingos nos Is, 7 de set. 2022)

O nacionalismo é a ideia central para todo o conservadorismo moral presente no programa “Os Pingos nos Is”. Sua presença se dá através da exaltação e glorificação de símbolos nacionais, como a bandeira, o hino, o vestir “o verde e amarelo” que, inegavelmente, se tornou símbolo do nacionalismo bolsonarista reproduzido pelo programa. Adorno (2020) afirma que o desprezo ou a crítica aos símbolos nacionais é tratado com ataques de fúria e violência; assim como se espera da atitude de um eleitor de Bolsonaro frente a algum distrato. Verifica-se também no entendimento do Brasil enquanto uma nação superior, que não se mistura com a Argentina e a Venezuela - deixando milhares de refugiados presos nas fronteiras ao redor do país - muito menos confia em organizações de “mentirinha” como a ONU.

Ainda, o imaginário do dia 7 de setembro também foi algo muito recorrente, provavelmente por conta da proximidade das eleições com o feriado. A extrema direita remonta alguma espécie de passado heróico e uma extrapolação dessa simbologia para louvar a data, mesmo sabendo que a proclamação de independência no Brasil foi muito mais “pra inglês ver” do que qualquer outra coisa.

“Eu acho que a única saída possível agora é proibir o Sete de Setembro. Proibir a data, o calendário passa a passar de 6 de setembro para 8 de setembro. Por que assim, já fizeram pacto com o Telegram, já disseram que não pode a bandeira. O Alexandre de Moraes queria tirar o verde amarelo. Eu to sonhando? Cês me belisquem. [...] Cês não têm vergonha

desse estado de coisas não? [...]” (Guilherme Fiuza, Os Pingos nos Is, 30 ago. 2022.)

De forma similar a como Hochschild (2016) relatou sobre a importância das armas para a população americana integrante do movimento *Tea Party*, os quais acreditam que a posse de armas não é razão para o aumento da criminalidade ou sequer de homicídios e servem apenas para autodefesa, a ideia-força do armamentismo, aparece no programa durante o período das eleições de 2022 complementada de uma enquete¹¹. É costume do programa “Os Pingos nos Is” fazer uma enquete em toda edição, a fim de medir a aceitação do público frente a determinada questão. Neste caso, a pergunta foi: “O eleitor deve ser autorizado a portar armas na votação?”. Com 52.8% dos votos a favor e 47.2% contra, a enquete serve para confirmar a importância do armamentismo para a extrema direita brasileira. Derivado do punitivismo e dos meios autoritaristas mencionados por Mudde (2019), a enquete revela a concordância do eleitorado de Jair Bolsonaro quando o assunto é segurança. Neste caso, o “problema”, seja este qual for, precisa ser endereçado da forma mais rápida e eficiente possível, como se houvesse uma espécie de “alegria” na punição (punitiveness) (ADORNO, 2020), para que precisassem tomar medidas por si mesmos. “O medo tende a construir a imagem da sociedade como corpo tendencialmente paranóico, preso à lógica securitária do que se deve imunizar contra toda violência que coloca em risco o princípio unitário da vida social”. (SAFATLE, 2018, p. 20)

Por último, mas não menos importante, está a presença do anti-intelectualismo no discurso dos integrantes do programa. A aversão à racionalização, ao intelectualismo e à arte existe desde a propaganda fascista alemã. Existe dificuldade em compreender como alguém ganha seu sustento sem usar do trabalho honrável e manual. Para a extrema direita brasileira, existe uma dificuldade em lidar com a modernidade que seja disruptiva para sua ideologia; o irracionalismo (ECO, 1995) aparece como uma necessidade para impossibilitar a crítica à ideologia fascista, inevitavelmente levando a recusa do pensamento científico e suas ramificações. No caso desta pesquisa,

¹¹ Para ver a enquete, acesse:
<https://jovempan.com.br/programas/os-pingos-nos-is/enquete-os-pingos-nos-is-o-eleitor-deve-ser-autorizado-a-portar-armas-na-votacao.html>

o anti-intelectualismo tomou forma de ataques ao sistema de peritos, negacionismo científico, e anti-vacinação.

“Vacinas supostamente eficazes e supostamente seguras, isso estamos falando de imposturas, de mentiras, de falsas plataformas, isso aí, senhoras e senhores, é o centro da falsidade, isso é o centro da impostura, isso é o centro do cinismo e isso é o centro da dissolução da sociedade.”
(Guilherme Fiuza, Os Pingos nos Is, 30 set. 2022.)

No que diz respeito ao campo semântico do *Neoliberalismo*, reproduz-se, principalmente, os clássicos chavões do neoliberalismo como a importância da meritocracia para uma carreira bem sucedida, a privatização de instituições públicas, a presença mínima do estado na economia e a liberdade individual. Existe aqui um contraste do neoliberalismo progressista de Fraser (2019) com o neoliberalismo conservador, sendo o último muito mais presente nas falas e comentários dos apresentadores.

“Eu tenho ouvido um zumbido por aí um, um zumbidinho, de que tem muita gente preocupada com o programa Os pingos nos Is [...] Qual o problema do programa Os pingos nos Is? É que nós estamos fazendo o óbvio, o nosso dever. Que é olhar pra realidade, ver uma agenda que o país escolheu em marcha como nós estamos vendo aí. Redução da gasolina, o que é isso? Um passe de mágica? Não, é um governo que mostrou que, além das reformas que estava fazendo, estava inconformado com a pressão inflacionária em um período de sacrifício e partiu para medidas engenhosas. Que que eu posso fazer? Cês ficam chateados porque a situação melhora. Uma agenda de desoneração. [...]E aqui é o lugar, um dos poucos na imprensa em que a gente olha, reconhece, aplaude o que é bom e critica o que é ruim. [...]” (Guilherme Fiuza, Os Pingos nos Is, 15 ago. 2022.)

Atrás de encontrarem a “nova razão do mundo” (DARDOT; LAVAL, 2016), afirmam, de forma errônea, que o Estado mínimo, a livre iniciativa e a competição mercadológica são os principais impulsionadores do crescimento econômico, cortando gastos públicos, privatizando empresas estatais e estimulando o livre mercado para manter o *status quo* e atrair investimentos internacionais. No caso deste campo semântico, a participação do empresário nacionalmente conhecido, Luciano Hang (também conhecido como “véio da Havan”), aconteceu em mais de uma edição. Enquanto amigo pessoal do ex-presidente e agitador da campanha de Bolsonaro, Hang reafirma a

importância da meritocracia e da escala hierárquica, considerando que teve de passar por diversos períodos em sua vida para então se tornar o bilionário que é hoje.

“A plataforma de governo da esquerda é isso, [...] eles promovem a ruína econômica mas eles também querem o Estado sempre maior. A esquerda promove exatamente isso: um Estado grande, onipotente, onipresente, inchado e menos liberdade para o cidadão. Nós precisamos entender que o Estado não produz riqueza, quem produz riqueza é o capital privado, tem que deixar o capital privado livre, o cidadão livre para empreender pra discutir” (Ana Paula Henkel, Os Pingos nos Is, 24 out. 2022.)

“Realmente, a palavra que mais ouvi lá foi liberdade, as pessoas vestidas de verde e amarelo, com a bandeira brasileira. É muito sobre liberdade. As pessoas estão preocupadas com o futuro do Brasil, ninguém investe no Brasil quando não se sente confiante. Quando as pessoas não investem não gera emprego, então todos nós, trabalhadores, empresários, precisamos confiar no futuro do Brasil” (Luciano Hang, Os Pingos nos Is, 7 set. 2022.)

O *anti judiciário* se fez tão presente no discurso do programa durante os quase três meses de conteúdo que vi a necessidade de colocá-la como campo semântico. Cesarino (2019) apontou que, à época de sua análise, o STF era um dos principais inimigos do governo Bolsonaro. Através da análise feita nesta pesquisa, proponho expandir sua afirmação para abarcar também o TSE, motivado pela repetição incessante de ataques ao poder judiciário brasileiro por parte do programa “Os Pingos nos Is” dentro do período de campanha eleitoral.

A questão da veracidade das urnas eletrônicas gira em torno de três pontos principais: primeiro, alegam que a urna eletrônica dificulta a auditoria e a recontagem dos votos, abrindo brechas para possíveis fraudes. A resposta para isso seria o voto impresso. Aliado a possíveis fraudes, o segundo ponto foca em vulnerabilidades do sistema eletrônico; sem evidência ou qualquer tipo de prova, afirmam que os sistemas computacionais presentes nas urnas são vulneráveis a algum tipo de manipulação ou até mesmo a serem hackeados. O terceiro ponto se baseia na pura desconfiança no sistema eleitoral brasileiro e no TSE, que será melhor explicado junto das outras ideias-força presentes neste campo. Também, defendem a participação de um colegiado do Exército Brasileiro - uma entidade forte, representante da nação e sua totalidade - para a apuração dos votos.

Intitulado pelos próprios integrantes do programa, a quase entidade Alexandre de Moraes, ou “Xandão”, anda lado a lado com o vilipêndio da constituição brasileira no olhar da extrema direita. Similar ao ódio antipetista e à luta entre o bem e o mal, o Ministro do STF e presidente do TSE Alexandre de Moraes é visto como o defensor da anti-democracia no Brasil.

“Então, é claro que isso aí é uma imundice que tem de ser investigada. Assinalo só a última coincidência. Desse triângulo, [...] desses elementos, que dançam uma mesma coreografia. A, tá tudo bem na eleição? Não, pra mim tá tudo mal. Tá na constituição que tem que ter contagem pública, tem que ter uma forma de aferição. Tem que ter o escrutínio público. E nós vemos esses ministros, ou será que eu sonhei com Barroso, Fachin e Alexandre de Moraes fazendo política, mandando censurar, dizendo que todo mundo que fala mal da urna do botão é do mau. Eu devo ter sonhado com isso. [...] Tudo isso me inspira confiança no processo eleitoral.” (Guilherme Fiuza, Os Pingos nos Is, 13 out. 2022.)

Tudo se mistura ao colocarmos os ingredientes “STF e TSE ativistas” e o *antiestablishment*. Os comentaristas afirmam com veemência que as atividades dos ministros do STF e do TSE são “ativistas”, por considerarem que certas decisões tomadas são arbitrárias e deliberadamente beneficiam algum lado, geralmente a oposição. Na verdade, a direita brasileira vê como ativista, principalmente o STF, desde os primeiros inquéritos da *Operação Lava Jato*; acreditam que alguns dos julgamentos feitos foram leves demais para um e pesados demais para outros, com aparente preferência por certos partidos e políticos.

Acontece que esse jogo faz parte da própria concepção dos três poderes. Caso haja um descompensado, tirando o sistema do equilíbrio, não só é natural como é dever dos outros fiscalizar e corrigir possíveis desvios. Isso implica que a retórica *antiestablishment* presente no programa “Os Pingos nos Is” tem diretas ligações com a extrema direita brasileira; não é direcionada somente ao poder judiciário, e sim à toda concepção por trás da criação dos três poderes; o que, por sua vez, pode ser entendido como um *antiparlamentarismo*.

Sem dúvidas, nenhum tribunal judiciário deve fazer política, porém, em situações de crise e/ou exceção, podem e devem julgar da forma que acharem mais propício para a democracia, já que essa é a função do Judiciário. Como

afirmou Letícia Cesarino em uma entrevista ao CartaCapital: “Há um tempo atrás ninguém jamais ousaria falar em mexer na composição do STF, quem faz isso é Hugo Chávez, quem faz isso é ditador. Mas, depois de quatro anos de governo Bolsonaro, boa parte da classe política já está sendo beneficiada pelo governo dele, já começa a cogitar esse tipo de coisa.” (ORELI, 2022)

“[...] existe uma grande luta e um grande temor de perder o poder, o poder num sentido de dominar esferas do Judiciário, do Congresso Nacional e assim por diante. Veja bem, esses presidentes da Câmara, do Senado, do Supremo e do Tribunal Superior Eleitoral se reuniram várias vezes, e o objetivo claro dessa reunião foi isolar o Palácio do Planalto, o presidente Jair Bolsonaro e qualquer coisa que pareça com isso, pareceu com isso tá errado.” (José Maria Trindade, Os Pingos nos Is, 20 de out. 2022)

“Um Congresso engessado, um Congresso que vive aí de joelhos ao establishment, que vivem de joelhos para a tirania do Supremo Tribunal Federal, do atual Supremo Tribunal Federal [...] Precisamos pensar na limpeza, na assepsia da Câmara, do Congresso.” (Ana Paula Henkel, Os Pingos nos Is, 30 set. 2022.)

O último campo semântico analisado foi a *Exaltação do Líder*, o qual se apresenta na forma como Adorno escreveu inspirado pela psicanálise freudiana: “Sabemos desde Freud que a identificação com o pai é sempre de uma natureza precária e mesmo no casos "genuínos", em quem parece estar bem estabelecida, ela pode se desfazer sob o impacto de uma situação na qual substitui o supereu paterno pela autoridade coletivizada de tipo fascista”. (ADORNO, 2019, p. 396)

“O Bolsonaro é golpista? Ele sofreu um atentado, o atentado não foi cometido contra outro, foi contra ele, quase morreu durante a campanha eleitoral. No governo, ele vem sendo fustigado pelo Supremo Tribunal Federal desde o primeiro dia, ele já enfrentou mais de 130 decisões desfavoráveis ao governo. Ele não pode nomear o chefe da Polícia Federal porque o ministro Alexandre de Moraes impediu. Ele recebe aqueles ultimatos todo dia, tem cinco horas pra fazer não sei o que, tem dez horas pra mostrar se vai viajar pra alguma cidade ou não, coisas assim. E reage democraticamente; o Supremo ofende, insulta, levanta suspeitas, fala com palavras espertas, escolhidas pra dizer que comete atos antidemocráticos o homem que vai disputando a reeleição, enfrentar um ladrão que foi solto pelo Supremo.” (Augusto Nunes, Os Pingos nos Is, 15 ago. 2022)

Da mesma forma que um filho olha para sua figura paterna, com anseios de inspiração e mimese, o eleitorado da extrema direita brasileira olha para Jair Messias Bolsonaro como a única salvação do Brasil. Durante as edições do programa “Os Pingos nos Is”, a imagem de Bolsonaro é vista de forma similar à de um líder ou agitador fascista. Jair é a pessoa que Adorno (2015) já mencionara, o “pequeno grande homem” dotado de capacidades de liderança quase místicas, ao mesmo tempo que pensa como a unidade do povo e por isso é capaz de levá-los à grandeza. Para o programa, Bolsonaro é sinônimo de honestidade, um líder incorruptível que será capaz de varrer a mentira e a corrupção do país. Bolsonaro é “sangue bom”, “gente como a gente”, “que veio do povo e trabalha para o povo”, “fala simples, na hora que é necessário”. Bolsonaro é *outsider*, alheio às falácias do sistema político, que tem a capacidade de trazer a solução para o país e restaurar a ordem. Bolsonaro é mito, é herói, capitão do Exército Brasileiro, pronto para bater de frente com a “esquerda comunista” brasileira.

No dia 23 de outubro de 2022, o ex-presidente organizou o que chamou de *Live pela Liberdade*, na qual convidou diversos amigos, personalidades e celebridades para reafirmarem seus votos no candidato. O intuito de mostrar Bolsonaro como um candidato louvável e querido por muita gente importante ficou claro e, para não perderem a oportunidade, “Os Pingos nos Is” dedicaram suas manchetes e parte de seu programa do dia seguinte (24 de outubro) para reproduzirem a transmissão, com comentários afirmativos por parte dos apresentadores. Dito isso, dentre as celebridades convidadas estavam Neymar Jr. e Gustavo Lima, o qual calorosamente demonstrou seu apreço pelo líder existente em Jair Bolsonaro.

“[...] A gente tem certeza que vão ser mais 4 anos de muita realização, inúmeras coisas que foram positivas para o Brasil [...] a gente vê a obra do Governo Federal, a gente vê [...] o presidente ser contra as drogas, a favor da família, ser a favor dos pobres, o auxílio Brasil.” (Gusttavo Lima, Os Pingos nos Is, 24 out. 2022.)

Por fim, passam também a imagem de um Bolsonaro vítima. Vítima do sistema falho, antidemocrático, que lhe atribui adjetivos como homofóbico, violento, ditador, machista, transfóbico, enquanto na verdade o presidente só preza pelos valores dos cidadãos de bem, da família tradicional e do bem da

nação. Por fim, Bolsonaro é sobrevivente de um golpe, golpe este que o tornou mártir da nação, após receber uma facada durante sua campanha eleitoral em 2018. Bolsonaro é mártir, herói da guerra permanente contra o PT, o Lula e o comunismo.

“Viram o presidente Bolsonaro de sempre, do cercadinho, das rodas, dos podcasts, por onde ele passa, um presidente que sim, fala palavrão, que demonstra uma conexão muito próxima do povo, tem um eleitorado muito orgânico, e é isso que deixa esses marqueteiros que custam milhões de reais, de cabelo em pé, porque não adianta estratégia, não adianta todo dinheiro do mundo, definindo o que dizer, o que falar, como se portar, se não existe uma conexão natural, uma conexão orgânica que coloca aí milhões de pessoas nas ruas simplesmente entoando o mesmo canto, que é de respeito à Constituição e principalmente proteção à liberdade que é o que o presidente Bolsonaro já vem falando há bastante tempo.”
(Ana Paula Henkel, Os Pingos nos Is, 7 set. 2022.)

É interessante ver como os apresentadores e toda a estrutura do programa “Os Pingos nos Is” durante o período de campanha eleitoral de 2022 reforçaram as ideias da propaganda fascista, oferecendo ao ouvinte justamente o que este precisa e deseja ouvir. Considerando todo o contexto criado até agora, Adorno (2015) acredita que a propaganda fascista não precisa sequer induzir algum tipo de mudança, ela precisa apenas reproduzir uma mentalidade que beneficie seus próprios propósitos, e, naturalmente, a repetição compulsiva da mensagem se coordena naturalmente atrás da perpetuação desta repetição.

A narrativa de “Os Pingos nos Is” é construída através de três principais agentes: o líder, personificado na imagem de Jair Bolsonaro e seus cúmplices; os ouvintes, que reproduzem os mandos do líder ao mesmo tempo em que demonstram determinadas insatisfações que tem, por sua vez, capacidade de tomar atenção do programa personificado na figura de agitadores, que então fecha o ciclo passando a mensagem para o líder. Funciona de forma similar ao *agenda-setting* (MCCOMBS; SHAW, 1972), que Miguel (2002) dá tanta importância visto seu impacto no constructo político.

Então, a “apropriação da psicologia de massa pelo líder (fascista), o aperfeiçoamento de sua técnica, o permitiram coletivizar o encantamento hipnótico” (ADORNO, 2015, p. 189). Reforçada pelo programa, aliada de uma corrente de afetos, principalmente ligados ao ressentimento, essa apropriação

constrói uma relação de mutualismo entre o ouvinte eleitor e os apresentadores. O ressentimento para sociedade brasileira se encontra profundamente enraizado, baseado em uma relação tradicionalista de submissão do indivíduo a uma força maior; a dificuldade de nos reconhecermos enquanto sujeitos de nossas próprias vidas e nossa história impõe a necessidade de submissão sob a imagem de um líder poderoso, o qual pode acalmar nossos anseios e efetivamente representar a sociedade brasileira. Nas palavras de Maria Rita Kehl:

“Temos pressa em perdoar os inimigos, com medo de parecer ressentidos - mas o ressentimento, afeto que não ousa dizer seu nome, se esconde justamente nas formações reativas do esquecimento apressado, tão característico da sociedade brasileira”. (KEHL, 2020, p. 187)

Finalmente, os ouvintes do programa sentem conforto ao se reconhecerem em uma plataforma midiática que permite a externalização de suas dores e de seu ressentimento. Tal externalização implica numa sensação de poder não tão conhecida pelo eleitor brasileiro, motivada pela transformação do ressentimento em ódio, medo ou vingança, o qual é reforçado pelo líder fascista e por fim é direcionado ao “inimigo da nação”.

Considerações finais

Conforme a teoria de Adorno (2020), o fantasma do fascismo paira mais próximo do que comumente imaginamos. Podemos ver que o legado da ideologia fascista e sua propaganda permanece latente em diversas sociedades ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Existe então uma relação curiosa que Traverso (2019) explicita: ao mesmo tempo que o conceito de fascismo é inapropriado para a atualidade, ele é também indispensável. Isso se dá devido a substancial diferença entre os movimentos de direita extremista e o fascismo, os quais são quase incomparáveis, mas compartilham da mesma base de uma ideologia, que aqui é compreendida como a ideologia fascista.

Cas Mudde (2019) afirma que não existe país imune a uma possível ascensão do movimento da direita extremista, ou *far right*, e mostrou como esta

tem se portado e se proliferado com rapidez e engenhosidade. Em suma, o autor elenca alguns pontos que são representativos da direita extremista atual, sendo eles: a heterogeneidade do movimento, a transformação em *mainstream*, a expansão do movimento da direita até o seu extremo (a extrema direita) e a postura anti-imigração nativista e/ou racista. No Brasil, Messenberg afirma que a cosmovisão da direita brasileira é guiada por uma racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016) (BROWN, 2019), e composta por uma exacerbação de posicionamentos fascistas. Como afirma a autora:

“As polarizações políticas assistidas nos últimos anos na vida política brasileira, e acirradas pelo aprofundamento da crise econômica, [...] acabam por inviabilizar o diálogo democrático, ao aprofundar a distância entre “nós” e “eles” e impedir a construção de canais de mediação, que possibilitem a convivência respeitosa entre contrários. Eis aí o caldo cultural ideal para o agravamento de experiências autoritárias e a procura por saídas despóticas.” (MESSEMBERG, 2017, p. 644)

Atualmente, o aprofundamento da relação entre mídia e política constitui um dos pilares principais para a compreensão dos posicionamentos e das ações políticas de forma geral. Por isso, é de suma importância a compreensão entre a relação da política brasileira, seja de esquerda ou de direita, com seus respectivos veículos midiáticos. Entende-se aqui a importância de elencar os agentes políticos e midiáticos e compreender a relação entre eles, pois o próprio conceito atual de política extrapola seus limites impostos, expandindo seu alcance para a mídia e a arte, por exemplo.

Análises relacionadas à política e à emissora Jovem Pan ainda fazem parte de um campo pouco explorado na academia, mas que sem dúvida se mostrou muito frutífero para um melhor entendimento da extrema direita brasileira. Como vimos durante a análise desta pesquisa, durante o período de campanha eleitoral de 2022, o programa “Os Pingos nos Is” foi celebrado pela emissora por seus recordes de audiência. Porém, afirmo que este possui um discurso bem típico da extrema direita brasileira e é capaz de moldar seus comentários a fim de provocar uma resposta irracional no ouvinte, o que afeta diretamente a visão da população frente a corrida eleitoral. Através da repetição incessante das ideias-força apresentadas, o programa e seus apresentadores são vistos como verdadeiros agitadores políticos

pró-Bolsonaro, capazes de pegar um tema político “X” e reforjá-lo a seu favor. “Como mediador entre o mundo e a psique individual, o agitador molda preconceitos e tendências já existentes em doutrinas explícitas e, em última instância, em ações explícitas”. (LOWENTHAL; GUTERMAN, 1949, p. 5)

O campo da mídia e da política associada à extrema direita ainda permite que muitos outros trabalhos sejam feitos. Ainda, se entrarmos no universo da emissora Jovem Pan, existe uma miríade de conteúdos não explorados como diversos programas além de “Os Pingos nos Is”, como é o caso do “Morning Show”, o “Jornal da Manhã”, o “Pânico” dentre outros. Afirmo, que todos possuem material ligado à extrema direita brasileira. O mapeamento do posicionamento político da Jovem Pan é visto como uma expansão deste trabalho, que pode ser auxiliado pela semiótica de Letícia Cesarino (2022) para maior compreensão por trás da tecnopolítica e sua plataformização.

Finalmente, em *Como as Democracias Morrem*, Levitsky e Ziblatt (2018) identificam que a rejeição a legitimidade dos adversários, a negação das regras democráticas do jogo, a tolerância ou o encorajamento da violência política e a disposição de restringir os direitos civis de certos grupo anunciam o estabelecimento da antidemocracia e, para isso, será necessário um grande esforço por parte da comunidade brasileira (aquela que não se apresenta enquanto proto-fascista) para que possamos ressignificar nosso ressentimento, a fim de manter a assombração do fascismo longe de nossos processos eleitorais e de nossa política como um todo.

QUADRO 01 - Campos semânticos e ideias-força

CAMPOS SEMÂNTICOS				
ANTIPETISMO	CONSERVADORISMO MORAL	NEOLIBERALISMO	ANTI JUDICIÁRIO	EXALTAÇÃO DO LÍDER
IDEIAS-FORÇA				
LULA LADRÃO/CORRUPÇÃO	RESGATE DA FÉ CRISTÃ	MERITOCRACIA	VILIPÊNDIO DA CONSTITUIÇÃO	BOLSONARO HERÓI
ARGENTINIZAÇÃO/VENEZUELA ELIZAÇÃO DO PAÍS	NACIONALISMO	PRIVATIZAÇÃO	"XANDÃO" DE MORAES	BOLSONARO HOMEM COMUM
MÍDIA ESQUERDISTA	SEXISMO	NÃO INTERVENÇÃO ESTATAL	STF E TSE ATIVISTAS	BOLSONARO OUTSIDER
ANTICOMUNISMO	ARMAMENTISMO	LIBERDADE INDIVIDUAL	VERACIDADE DAS URNAS	BOLSONARO HONESTO
ANTIESTABLISHMENT	FAMÍLIA TRADICIONAL			BOLSONARO VÍTIMA DO SISTEMA
	ANTI-INTELLECTUALISMO			

Fonte: levantamento para pesquisa.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

_____. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ARENDT, H. **ORIGENS DO TOTALITARISMO**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BROCK, D. **The Fox Effect: How Roger Ailes Turned a Network Into a Propaganda Machine**. New York: Anchor Books, 2012.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo - a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CADWALLADR, C.; GLENDINNING, L. Exposing Cambridge Analytica: “It’s been exhausting, exhilarating, and slightly terrifying”. **The Guardian**, 29 set. 2018.

CESARINO, L. **O mundo do avesso - verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

COSTA, A. C. A Jovem Pan e o golpe. **revista piauí**, n. 191, ago. 2022.

D’ANDRÉA, C. **Colaboração por pares em rede: conceitos, modelos, desafios**. In: RIBEIRO, J. C.; BRAGA, V.; SOUSA, P. V. (org.). Performances interacionais e mediações sociotécnicas. Salvador: Edufba, 2015. p. 283-304.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo - ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ECO, U. **Ur-Fascism**. London: Harvill Secker, 1995.

FERES JÚNIOR, J.; GAGLIARDI, J. Populism and the Media in Brazil: The Case of Jair Bolsonaro. Em: KOHL, C. et al. (Eds.). **The Politics of Authenticity and Populist Discourses**. Cham: Springer International Publishing, 2021. p. 83–104.

FERES JÚNIOR, J.; SASSARA, L. D. O. O terceiro turno de Dilma Rousseff. **Saúde em Debate**, v. 40, n. spe, p. 176–185, dez. 2016.

FRASER, N. (2019). “**Neoliberalismo Progressista versus populismo reacionário: a escolha de Hobson**.” In: GEISELBERGER, Heinrich (Org) *A Grande Regressão: um debate internacional sobre os novos populismos e como enfrentá-los*. São Paulo: Estação Liberdade.

FRASER, N.; JAEGLI, R. **Capitalism: A Conversation in Critical Theory**. Cambridge, UK: Polity Press, 2018.

GRACINO JUNIOR, P.; GOULART, M.; FRIAS, P. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. **Cadernos MetrÓpole**, v. 23, n. 51, p. 547–580, ago. 2021.

HOCHSCHILD, A. R. **Strangers in their own land: anger and mourning on the American right**. New York: New Press, 2016.

KALIL, I. **QUEM SÃO E NO QUE ACREDITAM OS ELEITORES DE JAIR BOLSONARO**. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018.

KALIL, I. et al. Politics of fear in Brazil: Far-right conspiracy theories on COVID-19. **Global Discourse**, v. 11, n. 3, p. 409–425, mai. 2021.

KEHL, M. R. **Ressentimento**. 3ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as Democracias Morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LOWENTHAL, L.; GUTERMAN, N. **Prophets of Deceit - A Study of the Techniques of the American Agitator**. [s.l.] Verso; Reissue edition 2021, 1949.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, Sp: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MCCOMBS, M. E.; SHAW, D. L. The Agenda-Setting Function of Mass Media. **The Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176–187, 1972.

MESSEMBERG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 621–648, dez. 2017.

MIGUEL, L. F. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 55–56, p. 155–184, 2002.

MIGUEL, L. F. **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018.

MIGUEL, L. F. **Democracia na periferia capitalista: Impasses do Brasil**. São Paulo: Autêntica Editora, 2022.

MUDDE, C. **The far right today**. Cambridge, UK: Polity Press, 2019.

ORELI, S. J. C. **Como funciona a máquina populista digital de Bolsonaro? Entrevista com Letícia Cesarino**. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/623122-como-funciona-a-maquina-populista-digital-de-bolsonaro-entrevista-com-leticia-cesarino>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

ROCHA, C. “Imposto é Roubo!” A Formação de um Contrapúblico Ultraliberal e os Protestos Pró-Impeachment de Dilma Rousseff. **Dados**, v. 62, n. 3, p. 25-42, 2019.

ROCHA, C.; SOLANO, E.; MEDEIROS, J. **The Bolsonaro Paradox: The Public Sphere and Right-Wing Counterpublicity in Contemporary Brazil**.

Cham, Suíça: Springer, 2021.

RUCKER, P.; LEONNIG, C. **A very stable genius: Donald J. Trump's testing of America**. New York: Penguin Press, 2020.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

STANLEY, J. **How fascism works: the politics of us and them**. First edition ed. New York: Random House, 2018.

TELLES, H. Corrupção, Legitimidade Democrática e Protestos: o Boom da Direita na Política Nacional? **Interesse Nacional**, v. 8, n. 30, p. 28–46, set. 2015.